



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
ELIETE SERGINA DE SOUSA MACHADO

“[...] EU ME TORNEI UMA GELADEIRA [...]” SENTIDOS PRODUZIDOS SOBRE OS AFETOS QUE SE EXPRESSAM NA MEDIAÇÃO FAMILIAR, NO PROCESSO DE SEPARAÇÃO CONJUGAL

Palhoça
2009

ELIETE SERGINA DE SOUSA MACHADO

**“[...] EU ME TORNEI UMA GELADEIRA [...]” SENTIDOS PRODUZIDOS SOBRE OS
AFETOS QUE SE EXPRESSAM NA MEDIAÇÃO FAMILIAR, NO PROCESSO DE
SEPARAÇÃO CONJUGAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso
de Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina
como requisito parcial à obtenção do título de Psicóloga.
Área de concentração: Psicologia e Saúde
Linha de pesquisa: Institucionalização e processos
psicológicos

Orientadora: Prof^a. Deise Maria do Nascimento, Msc

Palhoça
2009

"Somos donos de nossos atos,
Mas não somos donos de nossos sentimentos;
Somos culpados pelo que fazemos,
Mas não somos culpados pelo que sentimos;
Podemos prometer atos,
Não podemos prometer sentimentos...
Atos são pássaros engaiolados,
Sentimentos são pássaros em vôo".
(Rubens Alves)

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, João (*in memoriam*) e Sergina, pessoas que contribuíram para a minha educação, me ensinaram a ser justa, honesta e batalhadora. Meu enorme agradecimento a vocês que, apesar de não terem participado diretamente da minha vida acadêmica, sempre estiveram do meu lado. Em especial, a minha mãe que, nas suas contradições, me dizia: *Minha filha, para que estudar tanto?* Ao mesmo tempo, encontrava palavras para me motivar: *Minha filha, tem que estudar mesmo para você ser alguém na vida.* Amo vocês!

Ao meu marido, Sérgio, que demonstrou seu enorme amor por mim, por meio de gestos, palavras, paciência e compreensão. Nas noites em claro que passei, você estava sempre pronto para ajudar no que fosse preciso, com um sorriso no rosto, falava: *Faço tudo isso porque te amo!* A você meu amor, meu eterno agradecimento.

Aos meus amados e lindos filhos, Priscila e Patrick, que são a razão do meu viver. Meu amor por vocês é incondicional.

Aos meus irmãos, por entenderem o quanto desejei chegar até aqui e realizar meu sonho de ser Psicóloga!

A minha orientadora, Deise, pela dedicação, sabedoria, amizade e incentivo para finalização dessa pesquisa.

As minhas amigas e perceiras de orientação, Marcelle, Aline, Rosália e Débora Vignatti.

Aos meus amigos de trabalho, por compreenderem as diversas vezes que me ausentei para que pudesse realizar esta pesquisa.

E por fim, agradeço aos meus sujeitos de pesquisa, pois sem vocês este trabalho não seria possível.

Muito Obrigada!!!

RESUMO

O processo de separação conjugal é vivenciado como uma situação dolorosa e estressante na Mediação Familiar, já que provoca sentimentos de fracasso, impotência e perda em alguns cônjuges. O que se sabe é que esses sentimentos são construídos no âmbito das relações humanas e vão ganhando sentido ao longo da história de acordo com as práticas discursivas construídas socialmente. Portanto, esta pesquisa teve como finalidade compreender os sentidos produzidos sobre os afetos que se expressam na mediação familiar, no processo de Separação Conjugal. Para tentar atingir este objetivo, buscou-se, primeiramente, identificar se o processo de mediação possibilita a expressão dos afetos, passando para os tipos de afetos que os entrevistados apresentaram durante o processo da separação conjugal e, por último, saber se esses afetos contribuíram para tomada de decisão. Trata-se de uma pesquisa exploratória de natureza qualitativa, delineada como estudo de campo. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturas com quatro casais que estavam passando pelo processo de separação conjugal na mediação familiar, num fórum da região da Grande Florianópolis. As informações coletadas foram analisadas à luz da teoria de produção de sentidos, de Spink (2004), por intermédio do mapa de associação de idéias, técnica que possibilitou visualizar as falas dos entrevistados na íntegra. Os principais resultados obtidos nessa pesquisa foram: a mediação familiar é um espaço propício para expressão dos afetos, no entanto, é necessário que haja a construção de vínculos e confiabilidade entre as partes e os mediadores; notou-se que os sentidos atribuídos sobre os afetos estavam ligados, na maioria deles, ao contexto-situação, à questão econômico-financeira e que o diálogo estabelecido entre as partes favoreceu a expressão e a transformação dos afetos; e por fim, percebeu-se que a atuação do mediador, os sentimentos presentes e a mediação familiar foram elementos significativos para a expressão dos afetos e para a tomada de decisão durante o processo de Separação Conjugal.

Palavra chave: Afetos, Separação Conjugal, Mediação Familiar e Produção de Sentidos.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	7
1.1 TEMA.....	7
1.2 PROBLEMA DE PESQUISA.....	8
1.3 OBJETIVOS.....	11
1.3.1 Objetivo geral	11
1.3.1 Objetivos específicos	11
1.4 JUSTIFICATIVA.....	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	15
2.1 CASAMENTO.....	15
2.2 SEPARAÇÃO CONJUGAL.....	17
2.3 MEDIAÇÃO FAMILIAR.....	21
2.4 EMOÇÃO, SENTIMENTOS E AFETOS.....	24
2.5 PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO COTIDIANO.....	28
3 MÉTODO DA PESQUISA	31
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	31
3.2 POPULAÇÃO/AMOSTRA.....	32
3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETAS DE DADOS.....	32
3.4 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS.....	33
3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS.....	34
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	36
4.1 MEDIAÇÃO/AFETOS.....	38
4.1.1 Possibilidade para a expressão dos afetos	39
4.1.2 Impossibilidade para a expressão dos afetos	40
4.2 AFETOS QUE SE EXPRESSAM NA MEDIAÇÃO.....	42
4.2.1 Sentidos atribuídos sobre os afetos que foram expressos na mediação em relação à separação	42
4.2.2 Sentidos atribuídos sobre os afetos que foram expressos na mediação em relação à conjugalidade	48
4.3 ELEMENTOS QUE POSSIBILITAM A EXPRESSÃO DOS AFETOS E CONTRIBUEM PARA A TOMADA DE DECISÃO.....	51
4.3.1 Atuação do mediador na inter-subjetividade grupal	51

4.3.2 Sentimentos que contribuíram para a tomada de decisão.....	53
4.3.3 A mediação familiar, como um espaço que viabiliza a expressão dos afetos e contribui para tomada de decisão.....	55
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS.....	62
APÊNDICE.....	66
APÊNDICE A – Roteiro de entrevista.....	67
ANEXO.....	68
ANEXO A - Termo de consentimento livre e esclarecido.....	69
ANEXO B – Termo de consentimento para gravação.....	71

1 APRESENTAÇÃO

Os relacionamentos entre homens e mulheres são um veículo através dos quais criamos laços de afetividade mais íntimos, criamos nossa identidade e nos definimos como Ser em relação. Porém, esse é um momento marcado por duas individualidades e uma conjugalidade ao mesmo tempo. Esta dualidade causa, em alguns relacionamentos, brigas e indiferenças, levando à separação. Desde o século XVIII, o casamento é marcado por sentimentos como o amor, companheirismo, amizade, respeito, carinho, que frente à separação podem se transformar em ódio, rancor, discórdia, culpa, inimizade e raiva. Tais sentimentos delineiam, assim, a separação conjugal como um momento da vida a dois que traz muito sofrimento e dor no seio familiar. (ARAÚJO, 2002).

De acordo com a premissa de que o homem só existe no social, que vive em relação e é nessa mesma relação que ele se constitui e se percebe como membro integrado e integrador da sua história, através do sentido que atribui às suas vivências, esta pesquisa teve por objetivo compreender os sentidos produzidos sobre os afetos que se expressam na mediação familiar, no processo de Separação Conjugal.

A proposta deste estudo surgiu devido ao Estágio curricular obrigatório, do Núcleo da Saúde, no curso de Psicologia da UNISUL. Este estágio acontece no Serviço de Mediação Familiar em um Fórum da Grande Florianópolis, onde esta pesquisadora é estagiária na área de mediação de conflitos.

Durante os encontros de mediação, os casais apresentam afetos e sentimentos que fazem parte do conflito conjugal. Sua resolução dificulta, por vezes, as pessoas de chegarem a um acordo. Desse modo, a mediação com caráter transformador, favorece a re-significação desses afetos e sentimentos, a fim que as partes concebam um novo sentido ao relacionamento, chegando a um desenlace matrimonial com menos sofrimento e dor.

1.1 TEMA

Sentidos produzidos sobre os afetos que se expressam na mediação familiar, no processo de Separação Conjugal.

1.2 PROBLEMA DA PESQUISA

No século XIX surgiu a primeira articulação entre as Ciências Psicológicas e o Direito, com o intuito de suprir uma demanda da época e avaliar a fidedignidade dos testemunhos que aconteciam nos Tribunais de Justiça brasileiros. Esse trabalho de investigação era denominado de perícia psiquiátrica, com caráter quantitativo e objetivo, dando ênfase aos números e às avaliações feitas, por meio de testes psicológicos, designado a uma lógica individualista, sem preocupações qualitativas, subjetivas, pois se acreditava que aquilo que se podia apontar com objetividade era científico. (BRITO, 2005).

No final do século XIX, a perícia psiquiátrica, que antes era tida apenas para investigações da responsabilidade penal de adultos, começa a ser utilizada para além da área do Direito. Assim, o trabalho realizado pelos psicólogos passa a ser reconhecido, de forma a perceber que as perícias que eram objetivadas somente para avaliar a fidedignidade dos testemunhos nos tribunais, agora são utilizadas para auxiliar na avaliação dos trâmites judiciários, com vistas a fornecer dados para orientar os operadores de direito. (BRITO, 2005).

Já no século XX, mais precisamente no ano de 1985, surge o primeiro concurso público no Brasil para atuação de psicólogos no Poder Judiciário, onde as atividades foram modificadas em relação àquelas realizadas no século XIX. Nesse momento, os psicólogos são chamados para atuar em atividades relacionadas à Família, à Infância, à Juventude e ao Sistema Penal. Cabe ressaltar que os psicólogos no Poder Judiciário, no final da década de 1970, no Estado de Santa Catarina, já desenvolviam atividades relacionadas aos jovens em um Projeto de Integração com a Fundação Catarinense de Bem Estar do Menor. (BRITO, 2005).

No século XXI, o psicólogo que atua nas organizações de justiça desenvolve atividades nos Fóruns, no Tribunal de Justiça, no Ministério Público, nas Delegacias de Polícias, entre outros. Além disso, a Psicologia pode contribuir profissionalmente atuando em órgãos não formais, como é o caso de mediação familiar. (BRITO, 2005).

Uma das possíveis atividades desenvolvidas pelos psicólogos em uma organização de justiça é a mediação, sendo esta um modelo de aproximação das partes para resolver seus conflitos, sem que haja envolvimento do litígio. Ela é oriundo da Lei da Arbitragem (Lei n. 9.307/96), que designa a decisão da resolução de um conflito a um terceiro, em que este recebe do Estado poderes de intervenção. Foi desse modelo de resolução de conflitos que surgiu o que se tem hoje como mediação, diferenciando da técnica que é utilizada nos dias

que correm, onde as decisões nesse modelo atual de mediação são tomadas pelas partes envolvidas no conflito, e não por um terceiro. (MÜLLER, 2005).

Então, a característica primordial do serviço de mediação é auxiliar aqueles que a procuram na resolução dos seus conflitos, sendo que muitos deles surgem no âmbito das relações familiares. Além disso, é um processo informal e extrajudicial, realizado por mediadores, - profissional habilitado que desenvolve seu trabalho com imparcialidade, de modo a ajudar as partes em conflito a chegarem a um acordo, sem intervenções do judiciário, portanto, caracterizado como extrajudicial e não litigiosa. (SCHABBEL, 2005).

Na mediação, surgem demandas que são peculiares em virtude da complexidade da disputa entre as partes, como questões de separação e divórcio, guarda, pensão e divisão de bens. Essas questões são vivenciadas, na maioria das vezes, com muito sofrimento (SCHABBEL, 2005). A mediação é um espaço onde surgem “[...] aspectos emocionais da crise de separação vivida pelo casal [...]”, e se essas emoções forem “[...] clareadas e resolvidas, facilitarão a negociação das opções mais adequadas para reorganizar as funções, papéis e obrigações da família.” (SCHABBEL, 2005, p. 05).

Com o advento da modernidade, as relações de homem e mulher voltadas ao casamento começam a tomar uma nova forma. “Essa evolução gerou profundas mudanças no papel do homem e da mulher e, conseqüentemente, no relacionamento do casal.” (ÁVILA, 2004. p 04). Diante disso, novos papéis são estruturados e, assim, homens e mulheres repensam seus papéis e funções na relação conjugal. A mulher sai de uma condição de submissão, adquire *status* e lugar no mercado de trabalho, enquanto os homens passam ocupar funções que antes eram restritas às mulheres, como cuidar dos filhos e da casa e, dessa forma, as famílias vão aos poucos ganhando novas configurações. O casamento que antes era uma união que se traduzia basicamente em família, com interesses econômicos e de reprodução elevada, agora, ganha novas concepções, ganhando destaque, o afeto, se tornando um campo fértil para os conflitos. (ARAÚJO, 2002).

Em decorrência das mudanças que vem acontecendo na sociedade, as famílias estão passando por transformações, dentre elas o número crescente de separações conjugais, onde algumas vêm acompanhadas com muito sofrimento. Frente a essa questão Müller; Beiras e Cruz (2007) destacam que o mediador familiar tem um papel importante, pois ele é profissional que vai auxiliar as partes na resolução dos conflitos.

O sofrimento que os casais vivenciam encontra-se nos espaços de relação, em que não basta compreender somente o racional/cognitivo, é necessário uma compreensão acerca da dimensão afetiva que emana das relações conjugais no espaço de mediação, como mostra

Sawaia (1995, p. 164) ao descrever que “[...] ação e afetividade são elementos de um mesmo processo, o de orientar a relação do homem com o mundo e com o outro”.

A afetividade mostrada aqui não tem caráter negativo, como fonte de desordem para as reflexões e tomadas de decisões, empecilho para aprendizagem. Esses foram atributos que se cristalizaram ao longo da história das ciências humanas. O que se pretende é falar de uma afetividade com respaldo positivo, que possa ser produzida no campo das relações interpessoais, que não neutralize as ações do homem, pelo contrário, que ela possa impulsionar o indivíduo para o crescimento, a ponto de lhe dar autonomia na resolução dos seus problemas, sem desarmonizar o social. (SAWAIA, 1995).

O espaço de mediação é um local que favorece ao casal dialogar sobre seus afetos, de modo a promover no outro um movimento que proporcione a conscientização de suas ações. Sawaia (1995) refere-se a essa consciência em um estudo com mulheres faveladas, conta que elas, ao conversarem entre si sobre fatos ocorridos, conseguiam, nesse ambiente comunitário, enfatizar suas emoções, como alegria, raiva, decepção, etc. Diante desse cenário, a autora notou que essas emoções não eram confidenciais a pessoas quaisquer, mas para aquelas que faziam parte da sua história, da sua relação. Desse modo a mediação é um lugar favorecedor para que os cônjuges deixem transparecer seus afetos.

O afeto corresponde a uma gama de sentimentos associados à história de vida de uma pessoa. Ele é responsável em estruturar os laços de subjetividade pessoais, como lealdade, empatia, enfrentamentos, respeito, etc. Para completar Galano (1995, p. 153) afirma que o “poder do afeto reside na capacidade pragmática que têm os sentimentos afetivos.” O poder do afeto, aqui lembrado pela autora, é a possibilidade que determina a uma pessoa, através do afeto, se posicionar de um jeito e não de outro, colocando em prática suas ações, condutas e pensamentos. O modo como as pessoas criam laços de afetividades, se apresentam nas amizades, namoros, casamento, etc. A autora acrescenta ainda que é o afeto que torna as relações possíveis e desejáveis, ao passo que, uma pessoa que vive em relação tem a possibilidade de se lançar mais do que se estivesse sozinha.

A esfera judiciária é o local onde as questões objetivas de um relacionamento podem ser tratadas, como é o caso das regras patrimoniais, porém existem aspectos dessa relação, como o afeto, que saem do campo da magistratura e podem ser entendidos no campo da mediação familiar. É nesse espaço que se encontram profissionais habilitados para lidar com os aspectos psicológicos. (MÜLLER; BEIRA; CRUZ, 2007).

Com base nas questões levantadas pretende-se estudar a dimensão afetiva que emerge no processo de mediação familiar, com o seguinte questionamento: **Quais os sentidos**

produzidos sobre os afetos que se expressam na mediação familiar, no processo de Separação Conjugal.

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 Objetivo geral

Compreender os sentidos produzidos sobre os afetos que se expressam na mediação familiar, no processo de Separação Conjugal.

1.3.2 Objetivos específicos

- Identificar se o processo de mediação possibilita a expressão do afeto.
- Identificar os tipos de afetos que os entrevistados expressaram no processo de mediação.
- Investigar se os afetos expressos durante a mediação contribuem para que as partes cheguem a um acordo.

1.4 JUSTIFICATIVA

A afetividade ocupa um lugar importante na relação conjugal, pois ela viabiliza momentos de trocas afetivas e emocionais na relação do casal, como o respeito, a amizade e o companheirismo que um sente pelo outro. Assim, a relação se torna mais igualitária, com direitos e deveres definidos sem se refugiarem dentro de um mundo competitivo e individualista. (ARAÚJO, 2002).

A pesquisa realizada por Féres-Carneiro (2003), na qual foram entrevistados 16 casais, teve o objetivo de investigar como os casais vivenciam o processo de separação

conjugal e como eles buscam reconstruir suas identidades individuais após a dissolução do casamento. A autora estabeleceu quatro categorias de análise na pesquisa: o desejo de separação, a decisão de separação, o processo de separação e a reconstrução da identidade individual. A partir dessas categorias, foi possível constatar que o processo de separação conjugal é muito difícil e doloroso, porque causa sentimentos de frustração, fracasso, mágoa e solidão, sendo solidão e mágoa sentimentos experimentados pelas mulheres, já frustração e fracasso foram enfatizados pelos homens. Para algumas das entrevistadas a separação trouxe uma sensação de alívio pelo fato de estarem concretizando o desejo de separar e um sentimento de maior responsabilidade e de auto-valorização. A autora destaca a escassez das pesquisas que abordam os aspectos afetivos que estão implicados no processo de separação conjugal, justificando, então, a importância de se realizar mais estudos que tratem dos afetos que perpassam a dissolução do casamento.

Por ser a separação conjugal um processo doloroso que causa sofrimento nas pessoas envolvidas, o serviço de mediação familiar é uma alternativa que auxilia as partes na resolução dos conflitos decorrentes do rompimento conjugal, porque possibilita desenvolver no casal a autonomia, a responsabilidade e o diálogo. Os autores Müller; Beiras e Cruz (2007) fizeram um estudo com o intuito de viabilizar reflexões a respeito do trabalho do psicólogo na mediação de conflitos familiares. A pesquisa foi baseada na experiência de um Projeto Piloto que foi implantado pelo Fórum de Justiça de Santa Catarina, no ano de 2004. Os autores corroboram que o serviço de mediação é uma via mais rápida e informal para alcançar um acordo, porque viabiliza a dissolução do conflito oriundo do rompimento conjugal. A partir desse estudo, podemos pensar na mediação como um espaço que torna viável a produção dos sentidos sobre os afetos expressados entre os casais, ao passo que ao final do processo de mediação, o que se pretende não é apenas um acordo, mas possibilitar condições para que ambos consigam aprender novas formas de abordar as situações de conflito, capazes de promover mudanças de caráter qualitativo no seu relacionamento interpessoal, sendo esta uma das maneiras de promover o bem estar familiar. (MUSZKAT et al, 2008).

Em um estudo realizado por Marcondes; Trierweile e Cruz (2006), foi investigado através de entrevista com 68 pessoas, com idades entre 17 e 44 anos, os sentimentos que predominam após o término de relacionamentos amorosos. Durante as entrevistas, os pesquisadores investigaram os sentimentos positivos ligados ao bem-estar e à melhoria no estado geral da pessoa, e os sentimentos negativos, associados à infelicidade e ao mal-estar, todos provenientes da separação conjugal. Foi constatado na pesquisa que a separação é um período específico, envolvendo tanto dor a física quanto a dor psicológica, pois os

entrevistados relataram sentir fortes dores no peito, falta de ar, sufocamento, mudança de peso e depressão. Embora fosse encontrada, na literatura utilizada pelos autores que o período da separação conjugal vem acompanhado com uma sensação de alívio, foi constatado que esse é um momento de fortes mobilizações emocionais, como medo, incerteza e insegurança, devido à ruptura dos laços afetivos que acontecem na vida dos casais.

Em outro estudo realizado por Rosa (2009), no Centro de Filosofia e Ciências Humanas no departamento de Psicologia da UFSC, 34 pessoas, que estavam em processo de separação conjugal no Fórum de Florianópolis e São José, foram entrevistadas e constatou-se que o aumento do sofrimento psicológico na separação conjugal está atrelado à complexidade do conflito quando não há um acordo harmonioso entre o casal, gerando sentimentos como fracasso, impotência, medo, vingança, ódio, mágoas, etc. Além disso, esse estudo apontou que os conflitos podem ser mais intensos quando envolvem disputas por interesses comuns, como é o caso da guarda dos filhos. Dessa forma, denota-se a importância de estudar os sentidos produzidos sobre os afetos que são expressos no processo de separação conjugal, pois este costuma ser um fenômeno que está imerso em conflitos e dor, por conta do desequilíbrio emocional que um rompimento conjugal causa nas pessoas envolvidas. A mediação torna-se, então, uma ferramenta essencial na dissolução de seus conflitos, porque pode proporcionar uma comunicação mais fluida entre as partes, mantendo uma relação mais estável e pacificadora entre o casal.

Em síntese, nas literaturas pesquisadas de diferentes autores, observou-se uma preocupação com essa temática de pesquisa. Portanto, pesquisar os sentidos produzidos sobre os afetos que são expressos no processo de separação conjugal, na mediação familiar, torna-se relevante por ser, o espaço de mediação, um campo propício para o surgimento de emoções e sentimentos que, se não forem compreendidos pelos mediadores e esclarecidos às partes, podem emperrar o processo de resolução dos conflitos e ocasionar mais sofrimento e dor. Sobre esta ótica, a presente pesquisa se justifica tanto para a produção científica quanto para a sociedade.

Como produção científica, a pesquisa propõe abastecer os bancos de dados e possibilitar que outros pesquisadores tenham acesso e apropriem-se do estudo, tornando-se então uma ferramenta que auxilie os mediadores no exercício de sua profissão. Espera-se que, a partir da análise dos dados, haja uma compreensão dos sentidos produzidos sobre os afetos que se expressam no campo da mediação familiar e, assim, uma melhora na estruturação das intervenções juntos aos casais, no intuito de desenvolverem autonomia, responsabilidade e comprometimento.

Por fim, a relevância social da pesquisa volta-se para a saúde da população atendida no serviço de mediação familiar, para uma melhora na qualidade de vida. Friedman (1995) afirma que é na relação que os laços afetivos são produzidos e ganham sentido, e é nessa mesma relação que eles podem ser re-significados e compreendidos. A autora reforça a idéia que aos poucos na vida adulta os significados sociais que as pessoas têm das coisas vão sendo carregados de afetos e se transformam, alterando os processos psíquicos, logo muda o comportamento dos sujeitos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

A explanação das idéias dos autores e posteriores comentários será dividida em subcapítulos, com propósito de fornecer ao leitor uma maior compreensão do texto. O primeiro trata do casamento, contextualizando sua evolução histórica e social. O segundo subcapítulo trás a questão da Separação Conjugal, com vistas a uma discussão pertinentes as questões que envolvem este fenômeno. Em seguida, tratar-se-á da Mediação Familiar como um serviço transformador das relações interpessoais. Posteriormente, será descrita a Produção de Sentidos no Cotidiano, conceituando sentidos, bem como o entendimento do discurso e das práticas discursivas. E por último, será falado das emoções, afetos e sentimentos, buscando, a partir das idéias dos autores, demonstrar o entendimento que se tem desses três elementos tão fundamentais para o ser humano.

2.1 CASAMENTO

O casamento é um acontecimento esperado na vida de algumas pessoas. Muitos passam uma vida em busca do par ideal, projetando uma vida cheia de sucesso e realizações ao lado do par perfeito. Por conta desse modelo, alguns sofrem quando o sonho deixa de existir, ou porque o amor acabou, ou porque os interesses se distanciaram.

Araújo (2002) destaca que o modelo de casamento que se conhece no século XXI, surgiu com a ordem burguesa, onde homens e mulheres se relacionavam por interesses afetivos, como amor, paixão, desejo, e não interesses familiares. Esse modelo teve ascensão no século XVIII, momento que a sexualidade começa a ocupar um lugar de destaque no casamento. Para a autora, os sentimentos ganham um lugar de prazer na relação, pois anterior a esse modelo de casamento, o amor só era visto nas relações de adultério. Araújo (2002) acrescenta ainda, que no período entre Idade Antiga e Idade Média, os casamentos eram realizados para fins de reprodução, uma espécie de negócio entre duas famílias, em que estas firmavam uma aliança com ênfase nos bens materiais, sem se importarem com os afetos entre o casal.

Berger e Kellner (1970 apud FÉRES-CARNEIRO, 1998) descrevem do casamento como um ato dramático, no qual duas pessoas, pertencentes a um passado

diferente, se encontram e se redefinem. Os autores assinalam o casamento como ato dramático, porque antes que os indivíduos reconstruam suas histórias, ela já se legitima socialmente com o matrimônio, antecipando-se de modo que duas realidades subjetivas se juntam e se reformulam, não só uma realidade presente, mas também uma realidade passada. É memória passada que se enlaça com memória presente formando as alianças matrimoniais. Féres-Carneiro (1998) explica que essas alianças matrimoniais trazidas por Berger e Kellner serão uma forma de garantir bens ao grupo, que para eles são escassos para sua sobrevivência. Nesse sentido, é uma aliança que permite um sistema de trocas.

Referente ao que Féres-Carneiro (1998) fomenta que, o casamento tem como função perpetuar os indivíduos em sociedade, Granda Jr. (1983), traz que o casamento é um fenômeno muito mais coletivo do que individual, pois ao se casar o indivíduo realiza seus objetivos pessoais, mas também objetivos coletivos a partir de normas estabelecidas com finalidades para os que casam, mas principalmente para garantir a organização da vida em sociedade.

Com a chegada da Revolução Industrial, muitos países passam a viver um novo modelo econômico – o capitalismo. Malthus citado por Araújo (2002) critica o modelo de casamento que leva em consideração a procriação, visto que nesta época a população estava crescendo além do que a sociedade podia suportar. Dessa forma o ideal de casamento era aquele voltado ao afeto, à amizade, ao companheirismo entre os cônjuges e procriação não seria o objetivo principal do casamento, pois causaria um crescimento populacional e econômico desigual. Então, na idéia desse autor, o casamento deve ter um único propósito, unir duas pessoas que se amam, logo a procriação é secundária, e o que sobressai são os propósitos afetivos do casal.

O modelo de casamento pensado por Malthus, baseado no amor, no companheirismo e não na procriação, dá origem a uma valorização individual no casal, denominada por Áries (1987 apud ARAÚJO, 2002) como uma individualização do amor, no qual duas pessoas, ao se casarem escolhem uma idealização do amor, em busca do prazer individual. O amor pelo prazer, na modernidade, passa a ser o ideal no casamento e coloca os parceiros na condição de amantes, se entregam ao erotismo, sendo este o fator predominante na relação conjugal.

O casamento é um evento cada vez mais significativo na vida das pessoas na contemporaneidade. É uma escolha individual do parceiro que obedece a uma ordem cada vez mais privada, acompanhada por um alto grau de laços de afeto e de afinidades, regado por amor, prazer e satisfação sexual. É dessa ordem individual que surgem as relações

contemporâneas, que o casamento ganha novos significados, os sentimentos de intimidade preparam o terreno para a conjugalidade, deixando de lado os interesses públicos e trazendo para cena valores e direitos igualitários entre homens e mulheres, tornando a relação conjugal um locus privilegiado e fértil de afetividade. (JABLONSKI, 2003).

Está comprovado que pessoas que já passaram por algum envolvimento conjugal, não colocam em primeiro lugar os privilégios do amor, já para os principiantes este é um fator que fica em evidência na relação. O que se passa a considerar, no decorrer do tempo em um relacionamento de forma crescente, é o respeito mútuo, companheirismo, confiança, amor e comprometimento, sendo estes alguns dos sentimentos que tornam a relação estável e duradoura. (JABLONSKI, 2003).

2.2 SEPARAÇÃO CONJUGAL

Quando os conflitos conjugais começam a fazer parte da vida do casal, aos poucos os sentimentos como o amor, o companheirismo, o respeito, vão se esvaindo e perdem o significado. A relação fica insuportável e começa a passar por dificuldades. Féres-Carneiro (1998) argumenta que muitas das dificuldades encontradas na relação acontecem porque o casal não consegue lidar, ao mesmo tempo, com duas individualidades e uma conjugalidade, ou seja, conseguir conviver com dois desejos, duas histórias de mundo diferentes, duas percepções, sem perder sua individualidade, seu espaço como pessoa na relação e na vida.

O conflito conjugal tem sua origem na relação conjugal, ou em fatores externos da relação. Pode surgir a partir de qualquer conteúdo, desde fatos concretos, objetivos da vida conjugal, até fantasias e imaginações dos cônjuges ou de um deles. As características mais marcantes dos conflitos conjugais são a interferência que estes causam na estrutura afetiva da relação. Segundo Granda Jr. (1983), esta interferência é capaz de atuar na auto-estima de um ou de ambos os cônjuges, provocando insegurança na relação e fazendo com que as partes se sintam ameaçadas diante do outro e de si próprio. Sendo assim, pode-se concluir que qualquer situação pode vir a ser fonte geradora de conflitos, se os assinalarem a dificuldade a nível pessoal, tomando para si aquilo que pertence à união e, portanto, deve ser discutida na relação, para que sentimento como baixa auto-estima e insegurança não venham ocorrer, inviabilizando a resolução da situação conflitante.

Devido a essas dificuldades encontradas no relacionamento conjugal, alguns casais optam pela separação. A separação conjugal é um fenômeno social, que causa transformações na estrutura familiar e, por essa razão, não pode ser entendida como um fenômeno isolado, pois afeta todo o núcleo familiar. Além do que, alguns autores consideram este um período de crise não previsível no relacionamento, visto que as reações e desconfortos oriundos do fenômeno separação são desconhecidos e causam desarmonia no ciclo familiar. (CÉZAR-FERREIRA, 2004). A autora coloca que a crise não previsível que se instala nas relações durante o processo de separação é fruto do inesperado, devido às mudanças que ocorrem no estado civil, no afastamento de um dos pais, acúmulo de tarefas diárias e a responsabilidade da mulher como mãe e chefe de família. Todas essas mudanças, para alguns membros do grupo, são geradoras de crise, porque quebram regras, normas, valores, mitos, comportamentos implícitos e explícitos que são próprios da dinâmica familiar e estão muito cristalizados. Logo, flexibilidade e capacidade de adaptação a novas situações fica difícil de existir, a crise se aloja e toma o fôlego dos membros do grupo como um escudo que dificulta enxergar a resolução.

As questões econômico-financeira e afetivas, também são fatores geradores da crise na separação conjugal, porque causam interdependência e expectativas em alguns membros do grupo. César-Ferreira (2004) chama atenção para a interdependência econômico-financeira e afetiva como uma necessidade que está ligada por compromissos de lealdade, entre os membros da família e, quando não são concretizadas, geram sofrimento. A autora destaca que alguns membros da família conseguem se sentir pertencentes ao grupo de maneira independente, pois percebem o singular e o universal, o individual e coletivo, privado e público, com possibilidades de experimentar e vivenciar o que diz respeito a si e ao mesmo tempo ao todo, com suas diferenças, suas subjetividades. Já outros membros da família não conseguem sozinhos transitar no meio singular e universal, muitas vezes, por não vivenciarem a si mesmo como parte da estrutura familiar, ou por se sentirem deslocados, ou até mesmo por fazerem parte de uma família rígida com princípios há tempos cristalizados e, por conta dessa estrutura, tornam-se mais interdependentes.

O que se percebe em um relacionamento, na maioria das vezes, é que as pessoas misturam o que é seu e o que é da relação, apresentando, então, dificuldades em viver uma conjugalidade sem, ao mesmo tempo, perder sua individualidade. Por conta desses descompassos, os conflitos se instalam e levam alguns casais a optarem pela separação conjugal. Granda Jr. (1983) mostra uma saída para estes casos, dizendo que os cônjuges tem como tarefa manter o mínimo de diálogo possível, apresentando um ao outro suas

inquietações, inseguranças na relação, a ponto de ter coragem para reconhecer suas fragilidades, e assumir seus sentimentos e não acobertá-los.

Embora a separação conjugal seja um fenômeno social, que gera crise no seio familiar, atingindo diretamente os parceiros e os vínculos afetivos construídos na relação, e por isso, pode suscitar sentimentos de raiva, culpa, perda, a separação, para César-Ferreira (2004), pode ser um momento de superação, que facilita o fortalecimento e equilíbrio psíquico de alguns membros da família, porque denota uma exigência extrema, que impulsiona para busca de um novo referencial de intimidade e identidade, tornando pessoas capazes e confiantes em si na resolução dos seus problemas.

Falar sobre separação conjugal não envolve apenas uma discussão de direitos e deveres, em que as partes decidem questões práticas do dia a dia, como decidir divisões de bens materiais. Ela é um momento em que questões psicoindividuais e psicossociais vem à tona. Sobre esse assunto Marcondes; Trierweiler e Cruz (2006) colocam que a separação conjugal não se pauta somente em um fim de uma união material, ela é um momento de quebra de vínculos afetivos, que surgem tanto do amor, como do ódio e de brigas do casal. Esse é um momento que acarreta dor, angústia tristeza, frustrações com formas e intensidades diferenciadas no casal, porque implica saber quem foi o responsável pelo término da relação.

Geralmente no término de um relacionamento amoroso, sentimentos negativos como auto-depreciação e baixa auto-estima, se sobressaem em virtudes dos sentimentos positivos, como sensação de bem estar e alívio. Marcondes; Trierweiler e Cruz (2006) alegam que esse fenômeno é possível de ser compreendido quando se detecta a pessoa que tomou a iniciativa pela separação, acentuando um sentimento negativo para quem é deixado. Por essa razão, pode-se pensar em uma diferenciação e intensidade de sentimentos predominantes no casal no processo de separação conjugal. A explicação para essa diferenciação de sentimentos acontece porque para quem quer separar-se o que predomina, inicialmente, é o alívio, às vezes, a euforia, por se ver livre do peso e da tensão da situação infeliz. Então, vale ressaltar que, embora, a pessoa que optou pelo término do casamento esteja decidida, ela também passará por momentos de culpa, tristeza, não sendo na mesma intensidade daquele que não tomou a iniciativa.

Algumas decisões da separação conjugal não são tomadas momentaneamente. O casal, ou uma das partes que não está satisfeita com o relacionamento, procura conversar com amigos, busca informações a respeito, demonstra sua insatisfação em relação ao parceiro, que, em alguns casos, pode durar longo tempo, até que decide pela separação. Na maioria dos casos um dos cônjuges tem mais pressa que o outro para finalizar a união. Dessa forma, a

pessoa da relação que teve a iniciativa em se separar já começou a viver as etapas da perda, enquanto que, para a outra, está só começando. Assim ocorrem descompassos, porque enquanto um faz planos de uma vida nova, deixando para trás um passado e se lançando para um futuro sem previsões, a outra ainda procura explicações para o acontecido. (ÁVILA, 2004).

Ao discutir a adesão dos processos de mediação Familiar, Ávila (2004) relata que alguns casais apresentam características denominadas, pela autora, de casal “fusional”, “autísticos”, “conflituais” e “desengajados”. O casal fusional é marcado pela ambivalência de sua relação, ora ele quer a separação, ora ele deseja a reconciliação. Eles se amam e se odeiam ao mesmo tempo. O casal autístico tem uma carência na comunicação e, por conta disso, desejam a separação, mas como a comunicação nesse tipo de casal é disfuncional, não conseguem falar sobre os diversos aspectos que envolvem a separação. Diferente do casal autístico, o casal conflitual até consegue estabelecer uma comunicação, porém sua relação é marcada por intenso conflito e por isso não conseguem conversar. Por último os casais desengajados, estes na maioria já vivem separados, e por conta dessa contingência, juntamente com o casal conflitante, aderem com mais facilidade a mediação. Ao passo que casais fusional e autístico apresentam dificuldades a adesão à mediação, por conta de ambivalência em querer a separação e a comunicação inadequada, sendo que esses fatores dificultam o trabalho do mediador.

O período da separação conjugal vem acompanhado de situações traumatizantes, conflitos acontecem com frequência, e por essa razão o casal precisa re-significar os sentidos atribuídos a sua história individual e conjugal para que juntos possam visualizar e construir um caminho para resolução do conflito. (ÁVILA, 2004).

Ibrahim (1984 apud ÁVILA, 2004) identificou dez etapas que os casais atravessam quando estão em processo de separação, que não são rígidas, até porque não tem como apresentarmos um padrão capaz de revelar a experiência exata de cada um. Conhecer essas etapas pode ser importante para auxiliar os mediadores na compreensão das experiências vividas pelos separandos, como é o caso dos afetos que fazem parte do rompimento conjugal. Elas, assim, foram nomeadas: ameaça, separação, negação, trauma associado ao procedimento legal, cólera, os jogos de sedução, depressão, isolamento, aceitação e nova vida. A autora aponta que nem sempre os casais passam por essas etapas de maneira linear, pode acontecer que algumas etapas sejam puladas, o importante é conhecê-las, porque ajuda a compreender a relação afetiva do casal que está em processo de separação.

2.3 MEDIAÇÃO FAMILIAR

É comum, no término de um casamento, encontrar cônjuges que não concordam em alguns aspectos correspondentes à relação, semelhante ao caso das decisões que envolvem os filhos, a partilha de bens, ou como comunicar a separação à família. Por conta de todos esses embaraços que envolvem questões financeiras, conjugais, parentais e emocionais, os casais, nos dias que correm, procuram o serviço de mediação como um local propício para resolver situações oriundas da relação, de modo a melhorarem a convivência da família.

A mediação é um processo pacificador de acertos de conflitos, existe desde 300 a.C. na Grécia, Egito, Assíria e Babilônia, como forma de resolver os casos que surgiam nas cidades – Estados. Além desses lugares, a mediação também existe em outros continentes, como Europa, América do Norte, América do Sul e Continente Asiático. A mediação se desenvolveu especificamente nos Estados Unidos, na década de 1970, em que os casos de divórcio, antes de irem parar na justiça, passavam pelo processo de mediação, com intuito de salvar a família. Além da questão familiar, ela acontecia para resolver problemas que envolviam desabrigados, queixas criminais, disputa entre cidadãos e polícia e proprietários de casas de repouso e berçários. (CACHAPUZ, 2005).

Essa é uma prática que vem crescendo na contemporaneidade, sendo possível encontrar profissionais habilitados em diversos domínios, seja ele pessoal, comunitário, nacional ou internacional, com intuito de auxiliar na resolução de conflitos de trabalho, familiares ou sociais.

Para Cachapuz (2005, p. 28) a Mediação Familiar “[...] é um meio extrajudicial de resolução de conflitos, onde um terceiro é chamado para encaminhar as partes a chegarem a uma solução ou acordo”. Essa terceira pessoa é o mediador que deve ser imparcial e procurar fazer da mediação um espaço transformador, onde duas pessoas juntas possam chegar a um acordo que favoreça ambas as partes. O mediador pode ser um Psicólogo, um Advogado, um Assistente Social e, até mesmo, um profissional com duplo grau de formação, vale ressaltar que o psicólogo é a pessoa mais indicada para realizar a Mediação Familiar, pois ele não está preocupado apenas em fazer um acordo, e, sim, em voltar seu olhar para as relações interpessoais com o intuito de contribuir no desfecho do conflito e na promoção de saúde. (CACHAPUZ, 2005).

Dialogando com Muszkat (2008), é possível encontrar explicações a respeito do desconforto que o conflito conjugal causa no momento da separação, devido às exigências, às

expectativas e às idealizações pessoais contrárias uma das outras. O sujeito, ao se sentir injuriado, incompreendido, pode se tornar uma pessoa inconciliável. Ao mesmo tempo, por meio desse desconforto instalado na relação, é possível construir uma noção de Eu individual e universal, vislumbrando tomadas de decisões menos conflituosas e mais transformadoras para uma das partes, ou para o casal.

Quando um reconhece a existência do outro na relação é o momento em que ocorre mudança no comportamento da pessoa que se sente incompreendida, quanto daquele que tenta compreender. Esse outro é um Ser que sente, pensa e sofre tal como o Eu, mas que é diferente de mim (MUSZKAT, 2008). Joffe (1998) denomina o outro como um Ser diferente de mim que possui alguns mistérios e, por essa razão, compreendê-lo, demanda tempo e dedicação. Esse é um período transformador da relação e minimizador dos conflitos, pois viabiliza um amadurecimento do casal promovendo o apaziguamento das partes conflitantes.

Em relação às mudanças ocorridas em um relacionamento Joffe (1998), alerta que em um primeiro momento elas são geradoras de insegurança, medo e, por sua vez produzem defesas para contrabalancear a ansiedade, sendo este um momento de amparo por parte das pessoas envolvidas na relação. Nesse caso pode-se pensar na figura do mediador, como uma pessoa que contribui para transformação das relações interpessoais.

O mediador tem um papel de melhorar a comunicação entre o casal e torná-la funcional, já que em muitos casos, devido ao conflito instalado, estava quebrada. Assim, o casal, na mediação familiar, pode reformular seus conceitos e valores, fazer uma análise do real sentido do conflito, podendo perceber, na relação interpessoal, caminhos para se chegar à resolução da situação conflitante, pois o casal que está imerso no conflito apresenta dificuldades para visualizar os pontos positivos da outra pessoa, tais como: companheirismo, a amizade e o respeito. Essas divergências que se instalam no processo da separação conjugal, podem ser mediadas e convergidas em solução mais adequada e menos dolorosa para as partes, com perspectivas de um acordo mais solidificado. No término do trabalho de mediação, um dos objetivos que se pretende alcançar é que a comunicação entre o casal fique mais clara e coerente. (CACHAPUZ, 2005). A autora acrescenta ainda que, a mediação, pode servir para diminuir sentimentos de desespero, de depressão, de desesperança, de desamparo, de auto piedade, de fúria e de alienação. Os casais na mediação são estimulados a decidir por eles mesmos a divisão dos bens, a guarda dos filhos, regulamentação de visitas, dentre outras coisas, com intuito de diminuir possíveis comportamentos destrutivos como ameaças e violência.

Vale ressaltar que o mediador durante o exercício da sua profissão, não é terapeuta, mesmo sabendo que algumas das pessoas que procuram pelo serviço esperam que ele se comporte como tal, que resolva suas frustrações, suas questões emocionais, esperando por um atendimento terapêutico (HAYNES; MORADIN, 1996). Para evitar essas confusões, o mediador precisará se reportar às partes apenas como um profissional que está ali para os auxiliar na resolução do problema emergente, de modo a ajudá-los a encontrar soluções práticas para os problemas enfrentados no momento, mesmo sabendo que questões emocionais estão implicadas no processo. Para isso, o mediador deverá saber distinguir as questões que podem ser resolvidas na mediação, as que podem ser resolvidas na terapia e aquelas que pertencem ao âmbito judiciário, lembrando é claro, que o acolhimento para acalmar a demanda emocional é sempre indicado, reconhecendo que as dores estão presentes, e que tem momentos na mediação que o atendimento toma outro rumo por conta do sofrimento vivido pelas partes.

Para que consiga executar seu trabalho com eficácia, auxiliando as partes na resolução dos conflitos, o mediador, terá que desenvolver alguns princípios éticos, que Cachapuz (2005) chamou de imparcialidade, flexibilidade, sigilo, aptidão, credibilidade e diligência. Todos os princípios éticos citados são importantes, porém merecem destaque os três primeiros, pois esses são habilidades relevantes e primordiais que precisam ser desenvolvidas pelo mediador.

A imparcialidade é uma habilidade importante a ser desenvolvida pelo mediador, pois no momento em que uma das partes percebe que o mediador está formando alianças, o processo pode ser encerrado a qualquer momento. Nesse sentido, é necessário que o mediador seja uma pessoa bem treinada, com uma postura receptiva em relação à compreensão dos fatos narrados pelos mediados. (CACHAPUZ, 2005).

Ser flexível no ato da mediação é necessário, pois pessoas rígidas, que mantêm posicionamentos radicais, encontram dificuldades para exercer a função de mediador. O mediador flexível é aquele que consegue ter consciência que algumas situações trazidas pelos mediados, em algumas vezes, são desviadas a seu favor e, por essa razão, o mediador não pode se deixar influenciar por narrações construídas, caso contrário, perde seu papel de imparcial. Junto com a postura imparcial e flexível, destaca-se o sigilo que deve fazer parte de toda e qualquer atuação do psicólogo. (CACHAPUZ, 2005).

Além dos princípios éticos mostrados por Cachapuz (2005); Ávila (2004) destacam algumas qualidades que podem ser desenvolvidas pelos mediadores: autenticidade; escuta ativa; capacidade de entrar na relação, propor idéias; não dramatizar; arte de bem

resumir a situação; aptidão de ressaltar os aspectos positivos e estimular os esforços dos participantes; capacidade de ver as alternativas e capacidade de abertura às diferenças culturais.

A respeito do processo de mediação, ele tem seu início com a investigação do caso, para isso, o mediador vai precisar ter uma escuta bem desenvolvida, a fim de que possa compreender a situação trazida pelos mediados e conseguir chegar a um diagnóstico, que nem sempre acontece no primeiro encontro. O mediador irá convidar as partes a contar sua história com intuito de compreender a razão do conflito e, assim, ser possível propor idéias que permitam encaminhá-los para dissolução da discórdia. É importante salientar que saber qual o motivo que levou o casal a procurar o serviço de mediação, é relevante, para que o diálogo entre as partes e o mediador caminhe com finalidade. Outras questões também podem aparecer durante os atendimentos e se tornarem indispensáveis o esclarecimento dessas para o bom andamento e entendimento da situação. (CACHAPUZ, 2005).

2.4 EMOÇÕES, SENTIMENTOS E AFETOS

Existem várias posições teóricas quanto à forma de tratar essa temática. Trabalharemos com autores que consideram afetos e emoções como instâncias psíquicas semelhantes e sentimentos como distinto destes.

Damásio (2004) na tentativa de compreender a diferença entre emoções e sentimentos, separa, argumentando serem fenômenos distintos e por essa razão não podem ser estudados juntos. Para o autor, as emoções são tudo aquilo que se torna público ao corpo, que ocorrem no rosto, na voz ou em comportamentos específicos, já os sentimentos são a parte privada do corpo, são invisíveis ao público. Portanto, é classificado como o pano de fundo da mente, que se parece visível somente ao seu proprietário.

Lane (1995) afirma que afetos e sentimentos são fenômenos que não podem ser estudados isoladamente, ambos, desde muito cedo, estão integrados na vida da pessoa, presentes na ação, na consciência e na personalidade, sendo demonstrados através de emoções.

Estudo feito por Agnes Heller, em 1980, serviu de base para Lane (1995), descrever com mais clareza, as emoções e sentimentos nas relações. As emoções, ou os afetos se diferenciam dos sentimentos, de modo a serem explicadas através de um jogo de figura e

fundo, onde as emoções nas relações são vistas sempre como figura, já os sentimentos, denotam um caráter mais duradouro, ora é figura, ora é fundo.

As atividades realizadas pelo homem nas relações em que ele desenvolve, bem como, a consciência e a personalidade são categorias substanciais e formadoras do psiquismo humano. (LANE, 1995). Essas categorias descritas por Lane são mediadas por pensamento, afetos, linguagem, produzidos dentro de um determinado contexto sócio-histórico. A linguagem e o pensamento estão sempre carregados de conteúdos emocionais, e é por meio dessas instâncias mediadoras que as relações vão se constituindo, num processo dialético entre subjetividade e objetividade, em que os indivíduos são produtos e produtores da sua história e das suas expressões afetivas. Lane (1995, p. 62), esclarece:

Emoções, linguagem e pensamento são mediações que levam à ação, portanto somos as atividades que desenvolvemos, somos a consciência que reflete o mundo e somos afetividade que ama e odeia este mundo, e com esta bagagem nos identificamos e somos identificados por aqueles que nos rodeiam.

Vale ressaltar ainda, que as produções afetivas nas relações surgem de acordo com a produção de sentidos criadas pelos indivíduos nas relações cotidianas e, para compreendê-las, é necessário entender o discurso presente tanto no coletivo quanto no individual das pessoas que fazem parte dessa relação. Esses discursos são ações que se constituem num jogo grupal, no qual o singular e o universal estão presentes, que cada parte se alimenta da outra e constituem uma teia de sentidos e significados nas relações. (GALANO, 1995).

Em uma pesquisa feita com mulheres faveladas, Sawaia (1987 apud LANE, 1995) demonstra como a emoção pode ser compartilhada através da comunicação. Foi possível perceber que as mulheres faveladas, ao se comunicarem entre si, relembavam fatos que ressuscitavam emoções como alegria, raiva e decepção. Que não eram expressados a outras pessoas, só faziam sentido naquele grupo de mulheres. Dessa maneira elas conseguiam, aos poucos, recuperar sua independência afetiva, se percebendo nas relações.

Quando os sentimentos como respeito, companheirismo, carinho, tolerância, paciência, não são vividos na relação, o sofrimento passa a tomar espaço na vida do casal. Sentimentos como o ódio, a culpa, o remorso e a raiva, tomam uma dimensão afetiva que afasta os sonhos de uma vida a dois. Sawaia (1995) faz uma analogia a esse sofrimento, com o “tempo de morrer”, sendo um tempo de submissão social, que atinge as pessoas na sua integridade física e psíquica, e coloca-as numa condição indesejada, impedindo-os de conquistar seu espaço nas relações.

O tempo de morrer, discutido por Sawaia (1995), é caracterizado por uma falta de recursos emocionais, de força para pensar e agir perante as crises, deixando uma sensação de fracasso e desânimo, de uma consciência que nada pode ser feito para sair da situação instalada, uma espécie de abandono dos seus recursos internos, onde a pessoa entra num estado de apatia até causar uma anulação das emoções a ponto de chegar numa realidade afetiva neutra.

Um meio de tornar o momento da separação conjugal um evento menos traumatizante, e sofredor, é de possibilitar a si um momento a vida, permitindo-se transformações, tanto pessoais quanto interpessoais, em busca de sensações que revigorem os ânimos e a força para viver, a este estado, Sawaia (1995) chamou de “tempo de viver”. A autora destaca que o tempo de viver é um tempo de convite à vida, de modificações das relações objetivas, tendo consciência que as angústias e tristezas estão por perto, e não desapareceram, mas que é tempo de tornar possível a luta contra elas, para resolvê-las. Portanto, esse é um momento de mudanças nas relações entre o ser e o mundo, no sentido de tentar restabelecer um nexo entre o biopsicossocial.

Um exemplo a esse tempo de viver, trazido por Sawaia, (1995) é ilustrado pelas histórias das mulheres faveladas que conseguiram superar a apatia, a angústia e a tristeza profunda que sentiam por serem excluídas da sociedade. Juntas, através de trabalhos comunitários, conseguiram trocar experiências, emoções, sentimentos nunca antes vivenciados, acentuando, compartilhando e liberando através do diálogo, sentimentos e desejos reprimidos.

Os sentimentos que estão reprimidos são reflexos, na maioria das vezes, de uma sociedade, de um grupo social, que denota coerção, controle, acentuando mais um sentimento do que outro. Agnes Heller (1985 apud SAWAIA, 1995) corrobora com essa idéia dizendo que a sociedade causa alienação a certos sentimentos, visto que limita algumas ações e pensamentos humanos, tendo como produto sentimentos particularistas que se perpetuam ao longo da história. Dessa maneira, é possível pensar que as relações cotidianas podem servir fonte inspiradora para os casais experimentarem novos sentimentos.

Para essa transformação, é necessário algumas mudanças, que envolvem dimensões afetivas, biológicas, sociais, éticas, que compõem o homem, como forma de compreender como as pessoas se percebem nas relações, e como percebem o outro (família, amigos, comunidades e a sociedade, de modo geral). (SAWAIA, 1995).

Em uma conferência internacional na Holanda em 1996, foram apresentados dois trabalhos que retratavam a não expressão de emoções na saúde e na doença. Um deles retratou

que a hipertensão é fruto das relações sociais e familiares, em que o adoecimento ocorre a partir das situações de tensões prolongadas na família. O outro retratou a gênese da gagueira, constando sua origem afetiva e social quando a família afirma que o filho sabe falar direito, e não precisa gaguejar, portanto é criada uma tensão emocional que faz manter a gagueira. (LANE, 1995). Esses estudos demonstram que as emoções ao serem reprimidas causam efeitos negativos como agressão e violência, levando ao adoecimento. No entanto, o que se procura é deixar que as emoções sejam sentidas e expressadas para evitar que doenças tomem conta do corpo impedindo que as pessoas vivam em sociedade de maneira saudável.

Os sentimentos que surgem no início de um relacionamento e no término dele, a princípio, não são identificados com clareza, eles se parecem confusos. Pelo fato de não sabermos ao certo o que estamos sentindo, é natural que haja agitações, conflitos, sentimentos que se misturam entre querer, e não querer permanecer juntos. Kingma (1993) ressalta que saber o tempo em que o casal permaneceu junto não é tão significativo para compreender os afetos que permeiam a relação, visto que o processo de dor e perda aparece tanto num relacionamento de trinta anos, quanto em um de dois anos. Embora a autora corrobore com a idéia de que o tempo de união denote configurações diferentes, ou seja, as imperfeições e prazeres dos parceiros estão mais presentes no casal que apresentam maior tempo de convivência, ao passo que, ao término de um relacionamento de pouco tempo, os sentimentos são mais confusos e obscuros, causando muito sofrimento e dor, talvez por não saberem ao certo o que um sente pelo outro.

Ao final de um relacionamento, os cônjuges vivenciam distanciamentos emocionais. Para um, o sentimento se apresenta de forma mais intensa, que para o outro. Uma das razões encontradas por Kingma (1993) é a comunicação disfuncional. Quando há uma quebra em qualquer forma de comunicação, seja ela verbal, sexual ou afetiva, ocorre uma ruptura no relacionamento, logo se estabelece afastamento.

Além, da disfunção na comunicação, como um fator propício ao distanciamento emocional no relacionamento interpessoal, existe outra razão, trazida Kingma (1993), que distancia ainda mais os casais, que é a consciência do desfecho amoroso. Ao tomar consciência que o afeto já não é mais o mesmo, alguns cônjuges se afastam do parceiro e, de certa forma, contêm sua emoção e liberam em outro lugar. É como se ter dinheiro para comprar determinado produto em uma loja, mas prefere-se não gastar naquele lugar uma forma consciente de limitar o contato com o companheiro e se distanciar do sofrimento. O que se pode pensar sobre o distanciamento emocional é que existe uma ferida aberta, repleta de emoções e sentimentos, que necessita de cuidados, para sarar, sem deixar muitas cicatrizes.

2.5 PRODUÇÃO DE SENTIDOS NO COTIDIANO

Até o ano de 1960, o interesse em compreender a produção de sentidos era mínimo, visto que a ciência estava focada em demonstrações objetivas, com cunho experimental e empírico. Pensando em ciência como uma generalização de resultados, sem se importar com questões subjetivas que permeiam as relações interpessoais, levando em consideração a visão do outro no processo de construção da subjetividade. (SPINK; FREZZA, 2004).

A partir dos anos 1970, surgem reflexões críticas acerca dos fenômenos psicológicos, numa perspectiva construcionista. O construcionismo se refere a uma construção social, de uma pessoa que se constitui na sua relação com o outro. Ele é fruto de um processo social que leva em conta o conhecimento que as pessoas adquirem da realidade que vive o senso comum e é a partir dessa realidade cotidiana que os sentidos são produzidos. (SPINK; FREZZA, 2004). Muszkat (2008) completa que, no construcionismo social, os fatos são o produto do senso comum coletivo com caráter cultural e social, e não coisas isoladas “em si”.

O conhecimento adquirido no senso comum enfatizado por Berger e Luckmann (1966 apud SPINK, 2004), é aquele construído no cotidiano, pois é esse conhecimento que constitui o tecido de sentidos sem o qual nenhuma sociedade poderia existir. Spink e Medrado (2004, p. 41) definem sentido como:

[...] uma construção social, um empreendimento coletivo, mais precisamente interativo, por meio do qual as pessoas – na dinâmica das relações sociais historicamente datadas e culturalmente localizadas – constroem os termos a partir dos quais compreendem e lidam com as situações e fenômenos a sua vida.

Sendo assim, os sentidos fazem parte de uma construção social. As pessoas em interação com as outras, através da linguagem, constroem a sua rede de significados, que as acompanha vida a fora. Portanto, a produção de sentidos não se resume a uma mera atividade cognitiva intra-individual, numa pura reprodução de modelos predeterminados. Ela faz parte de uma prática dialógica que implica o uso da linguagem, possibilitando a presença de um fenômeno sociolingüístico.

Para entender melhor como a linguagem faz parte da construção dos sentidos, é necessário a distinção entre discurso e práticas discursivas. Os discursos são

institucionalizados conforme os diferentes domínios do saber, como, por exemplo, a Psicologia, a Sociologia, a Antropologia, a História, e por essa razão há um tendência de permanência no tempo. Ele também pode mudar radicalmente conforme o contexto histórico, como é o caso da sexualidade, que ganha compreensão de acordo com o contexto histórico, porém de forma diferenciada para cada domínio do saber já citados acima. (SPINK; MEDRADO, 2004).

Além disso, Spink e Medrado (2004) dissertam sobre o contexto-situação, afirmando que ambos vão limitar o discurso, é o caso de duas pessoas se encontrarem em uma praça e perguntarem uma para outra: “*Oi tudo bem?*”, diferente de encontrar uma pessoa em um velório, onde o contexto-situação é outro, e perguntar “*Oi tudo bem?*”, que ao certo seria falar “*Meus pêsames*”. Por essa razão, as regras lingüísticas trazidas pelos autores servem para nortear as práticas cotidianas e tendem a manter e reproduzir os discursos das pessoas focados na reprodução social. Embora argumentem que ao conceituar o discurso, não é possível desconsiderar a diversidade e a não-regularidade que estão presentes na vida cotidiana das pessoas, isto passa a ser mais uma questão de foco, daquilo que se escolhe como figura e fundo.

Quando se está focado numa cena, deixam-se de lado as peculiaridades, as especificidades pouco interferem na compreensão da cena. Na metáfora do binóculo Spink e Medrado (2004) é revelada que uma simples inversão do binóculo possibilita visualizar a floresta de outro jeito, aquilo que era fundo (as formiguinhas em cima de uma folha seca) vira figura. A formiga sempre esteve lá, porém o foco não estava na formiga, mas no todo - a floresta. É possível concluir que focos diferentes resultam em objetos diferentes, portanto, não cabe focar o olhar nas especificidades diante das regularidades, e nem vice-versa. Os autores propõem fazer uma ruptura aos processos institucionalizados, como o discurso, a linguagem social e os gêneros da fala, pois assim será possível dar visão ao cotidiano, provocar reflexões sobre as práticas discursivas diversas, e re-significar os sentidos dessas práticas, que até então não se tinha pensado.

Spink e Medrado (2004, p. 45) entendem práticas discursivas como “[...] momentos de re-significações, de rupturas, de produção de sentidos [...]”, sendo esta prática, uma maneira das pessoas produzirem sentidos e se posicionarem nas relações sociais cotidianas. As práticas discursivas são entendidas como as narrações, argumentações e conversas, que são regidas por regras lingüísticas, indispensáveis para a vida em sociedade. Servem para re-significar os saberes adquiridos socialmente a partir de convenções pautadas por critérios coletivos designados, como é o caso da linguagem.

A partir da linguagem, é possível que as pessoas, na relação, possam se posicionar, colocando seu ponto de vista sobre determinado assunto, de modo a expor, na fala, seus sentimentos e emoções, e tomar posições diferenciadas das que vinha tendo. Conseguir dar novo sentido aos afetos sentidos no cotidiano, com vistas a formar um repertório interpretativo, que valorize a construção das práticas discursivas. (SPINK; MEDRADO, 2004).

Interpretar o repertório trazido por cada pessoa no seu discurso é considerado um fator importante para o estudo das práticas discursivas, pois viabiliza o entendimento dos diversos significados construídos por pessoas, ao longo da sua existência. É essa diversidade de produção de sentidos que se pretende compreender num sentido polissêmico, onde as diversas formas de se comunicar é que permitem as pessoas transitarem em contextos diferentes e vivenciarem novas experiências. (SPINK; MEDRADO, 2004).

Assim, do ponto de vista do construcionismo social, é possível fazer da mediação um espaço transformador das relações interpessoais, onde se legitima o acolhimento e a escuta do outro, respeitando suas diferenças sociais, culturais, num sentido de minimizar o sofrimento, priorizando a complexidade que caracteriza o ser humano e seus relacionamentos, para que este consiga, nas suas relações diárias, se manter saudável. (MUSZKAT, 2008).

3 MÉTODO DA PESQUISA

3.1 TIPO DE PESQUISA

Pesquisa de caráter exploratório e de natureza qualitativa, pois não se resume somente a um conhecimento que preconize dados isolados, e sim, um estudo pautado nas relações sujeito/objeto. A pesquisa exploratória vai além de uma mera observação de dados, ela prioriza um processo de conhecimento que viabiliza a construção de hipóteses e análise do fenômeno da pesquisa, de modo que possam surgir mais estudos acerca do fenômeno em questão. (GIL, 1999).

Na tentativa de compreender quais os sentidos produzidos sobre os afetos que se expressam na mediação familiar no processo de Separação Conjugal, o presente estudo pretende, justamente, explorar o discurso dos casais a partir de uma análise qualitativa e, assim, compreender os afetos que permeiam a relação afetiva dos casais entrevistados. Dessa forma, a pesquisa qualitativa dará subsídios para que possamos ter uma “[...] compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados [...]” (RICHARDSON, 1999, p. 90).

Quanto ao delineamento, esta pesquisa classifica-se como um estudo de campo. Nesse sentido, visou aprofundar as questões que foram levantadas no campo, a fim de alcançar os objetivos propostos. Gil (1999) chama a atenção para que seja feito de fazer um estudo de campo por ser este mais flexível, podendo, ocorrer mesmo que os seus objetivos sejam reformulados. Além do que, no estudo de campo estuda-se um único grupo em termos de sua estrutura social, dando destaque as relações interpessoais do grupo.

Assim, através de práticas discursivas, que foram debatidas e exemplificadas no referencial teórico dessa pesquisa, Spink (2004) denota a importância desse artefato social construído por meio de estratégias lingüísticas, como o conversar, explicar, organizar e dar sentido ao mundo, ou seja, uma alavanca metodológica para trabalhar produções de sentidos no cotidiano. As práticas discursivas, para esta autora, não só possibilitam produzir conhecimento científico, bem como, engendrar conhecimento do senso comum, do cotidiano, que são formas de produzir saberes subjetivos sobre eventos que acontecem no mundo, como, por exemplo, na relação entre os casais que estão em processo de separação conjugal.

3.2 POPULAÇÃO/AMOSTRA

Os participantes da pesquisa foram casais na faixa etária entre 20 e 50 anos de idade, pois esta faixa etária constitui a população que mais procura o serviço de mediação familiar, critério este, verificado nas fichas de triagem. Desta população, pretendeu-se tirar uma amostra de seis casais que utilizavam o serviço de mediação familiar e que se encontravam na categoria separação conjugal.

Como o objetivo principal dessa pesquisa foi estudar os sentidos que são produzidos sobre os afetos que se expressam na mediação familiar, no processo de separação conjugal, e esses se manifestam na relação, optou-se por entrevistar os casais que estavam sendo atendidos naquele momento da mediação. Entretanto, a finalidade não foi entrevistar o casal ao mesmo tempo, mas a pessoa em si, o sujeito que expressa o afeto.

Na mediação, existem etapas de atendimento: a primeira é a triagem, após vem a pré-mediação, e por fim a mediação, sendo este o momento escolhido pela pesquisadora para a coleta dos dados.

Devido ao imprevisto que surgiu no mês de agosto desse mesmo ano, o estágio no Fórum da Grande Florianópolis foi suspenso por medida de precaução, pois houve um grande número de pessoas, na região, infectadas com a Influenza H1N1. A proposta de entrevistar seis casais, entre os meses de agosto e setembro, como previa o cronograma, teve de ser reduzida para quatro casais, já que, no mês de agosto, não foi possível fazer coleta.

3.3 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os dados foram coletados através de entrevista semi-estruturada, formulada a partir dos procedimentos metodológicos propostos por Spink e Menegon (2004), em que palavras-chave são criadas como um roteiro pertinente ao problema de pesquisa, as quais permitiam que o entrevistado conversasse e se posicionasse a respeito dos sentidos criados por ele nas suas relações sociais.

O primeiro contato com os possíveis participantes aconteceu ou por telefone ou pessoalmente após o término do atendimento, no qual foi realizado convite aos casais que estavam em processo de separação conjugal para que ficassem uma hora a mais, para uma

conversa. Foi esclarecido também que se trata de uma pesquisa, e que a participação deles seria importante para a sua conclusão. Foi comunicado que a participação era opcional e sem prejuízo ao processo de mediação. Nesta 1ª etapa, foi feito contato com doze casais e apenas quatro concordaram em participar da entrevista. Foram dadas informações sobre o tempo - meia hora de entrevista, no máximo para cada participante, o local - Fórum da Grande Florianópolis, em uma sala a parte, com o objetivo de preservar a integridade dos participantes, sobre o critério do sigilo e confiabilidade, e o dia da entrevista, que aconteceu em horário de atendimento da equipe de Mediação Familiar, assim que o casal encerrava seu atendimento. À medida que os contatos aconteciam e os casais aceitavam, as entrevistas se concretizavam individualmente.

Antes de iniciar a entrevista, foi apresentado e solicitado a cada participante a assinatura do termo de consentimento. Para gravar a entrevista e facilitar a análise de dados e a transcrição, os entrevistados foram convidados a assinar o termo de gravação. Este recurso permitiu que a entrevistadora ficasse mais livre e atenta ao discurso dos casais, sem precisar ficar fazendo anotações, que são constrangedoras tanto para quem está sendo entrevistado como para quem entrevista. Richardson (1999) acrescenta que transcrever a entrevista é um trabalho enormemente útil, porque viabiliza um estudo mais fidedigno dos dados, de modo a auxiliar nas posteriores análises dos resultados alcançados.

3.4 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Como instrumento de coleta dos dados foi utilizado a entrevista semi-estruturada, em apêndice A, a fim de permitir ao entrevistado expressar suas idéias a respeito do fenômeno pesquisado. Para que os resultados das entrevistas pudessem dar subsídios para responder o problema de pesquisa, foi criado um roteiro com base nos objetivos específicos e geral da pesquisa, contemplando palavras chaves para lembrar o entrevistador dos aspectos relevantes a serem tratados na entrevista. (GIL, 1999).

A entrevista semi-estruturada permite uma oposição ideal entre o sujeito pesquisado e a pesquisadora, que por vezes carece de maior ou menor diretividade, para que o entrevistado consiga desenvolver suas idéias livremente, da maneira como ele compreende o fenômeno, sem se prender a perguntas pré-determinadas. O entrevistador é apenas um orientador e estimulador de idéias. A diretividade em uma entrevista serve para equilibrar o

rumo da conversa, com intuito de não destoar do assunto que se pretende investigar, ou seja, os objetivos visados. (RICHARDSON, 1999).

Vale ressaltar, que a entrevista semi-estruturada teve duração em média de 20 a 30 minutos cada e, permitiu ao entrevistado, a partir das práticas discursivas utilizadas por ele, apresentar o sentido atribuído às questões que dizem respeito ao seu relacionamento amoroso.

3.5 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS DADOS

O procedimento de análise de dados utilizado foi o mapa de associação de idéias, organizado por meio da Teoria da Produção de Sentidos de Mary Jane Spink (2004), numa perspectiva construcionista, a qual considera objeto e sujeito como construções sócio-históricas, em que trabalha com a re-significação das relações, desfamiliarizando as idéias cristalizadas da dicotomia objeto e sujeito.

Seguindo a lógica da produção de sentidos, Spink e Lima (2004, p. 107) descrevem o objetivo de utilizar o mapa das associações de idéias:

Os mapas têm objetivo de sistematizar o processo de análise das práticas discursivas em busca dos aspectos formais da construção linguística, dos repertórios utilizados nessa construção e da dialógica implícita no processo de sentido. Constituem instrumentos de visualização que tem duplo objetivo: dar subsídios ao processo de interpretação e facilitar a comunicação dos passos subjacentes ao processo interpretativo.

Sendo assim, o mapa de associação de idéias é uma técnica que possibilitou a visualização dos conteúdos trazidos nas entrevistas, pois preserva a seqüência das falas, mantendo-as intactas, evitando a descontextualização do conteúdo. Após a transcrição do discurso trazido pelos casais durante a entrevista, os trechos foram recortados e colocados em uma tabela com colunas previamente definidas em função dos objetivos da pesquisa para que pudesse ser articulada com o referencial teórico como mostra o exemplo abaixo:

Sentimento	Mediação	Separação	Conjugalidade
	um contato totalmente diferente, a gente tem uma conversa mais informal		
a sensação é estranha,			
			apesar dele ter chorado bastante, de ele ter se mostrado bastante, era diferente o contato.....

Quadro 1 – Exemplo do Mapa de Associação de Idéias.
 Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2009.

As tabelas foram montadas por cônjuge, com quatro colunas cada, nomeadas como categorias gerais, de natureza temática - sentimentos, mediação, separação e conjugalidade. Após esse material ter sido recortado e colado nas devidas colunas, foi feita uma leitura vertical dos dados, outra horizontal, e só então fez-se uma leitura de todo conteúdo colocado na tabela para compreender quais os sentidos produzidos sobre os afetos que se expressam no processo de Separação Conjugal, na mediação familiar, a partir da Teoria de Produção de Sentidos.

4. APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo é destinado as apresentações e análise dos dados, demonstrando se o objetivos da pesquisa foi alcançado. A análise realizada foi embasada no conhecimento científico informado na fundamentação teórica. Para tanto, procurou-se fazer um estudo dos dados coletados pautado nos aportes metodológicos determinados no capítulo anterior, com vistas a dar conta dos objetivos específicos propostos e, então, conseguir concluir o objetivo geral.

O quadro abaixo trás uma apresentação dos oito sujeitos entrevistados, com nomes fictícios, como forma de preservar a identidade dos entrevistados e auxiliar o leitor ao longo do texto na identificação dos sujeitos, bem como, garantir o devido sigilo, conforme previsto nos cuidados éticos inerentes a este trabalho.

Sujeitos	Tempo de Casamento	Tempo de Separação
Nei	16 anos	Em processo
Clara	16 anos	Em processo
Mário	4 anos	Em processo
Tati	4 anos	Em processo
Ari	12 anos	Em processo
Karla	12 anos	Em processo
Vitor	10 anos	Em processo
Paula	10 anos	Em processo

Quadro2 - Dados de identificação dos entrevistados.

Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2009.

O mapa de associação de idéias, técnica utilizada para tomar nota das práticas discursivas no cotidiano, permitiu uma visualização e o entendimento de como os afetos podem ser expressos na interação com os outros através da linguagem, num processo sociolinguístico, onde a fala ganha sentido e permite que ocorram transformações no modo de pensar, sentir e agir. E, se tratando desta pesquisa em específico, o mapa vislumbrou entendimentos dos sentidos atribuídos aos afetos que se expressam no processo de Separação Conjugal, questões estas, já explanadas no capítulo da fundamentação teórica. Os mapas foram construídos após a transcrição na íntegra das entrevistas, didaticamente edificados a partir de colunas nomeadas: sentimento, mediação, separação e conjugalidade, para então

fazer uma leitura da coluna vertical, depois horizontal e por último em cadeia, e só então criar categorias gerais, de natureza temática e subcategorias que permitiram demonstrar de maneira ordenada os dados de acordo com cada objetivo específico.

Antes de iniciar a análise propriamente dita, será apresentado o sentido atribuído pelos entrevistados em relação aos afetos que eles expressaram no processo de separação conjugal.

Para a entrevistada **Paula**, o sentido atribuído aos afetos expressados no processo de separação conjugal, foi de estar primeiramente sentindo uma sensação estranha, porque achou que o contato com suas emoções e sentimentos não iriam acontecer. Sentiu culpa, ressentimento, arrependimento por ter tomado a decisão pela separação e ficou com medo que esses sentimentos prejudicassem seu objetivo, - separar-se. Ao finalizar o acordo, a sensação foi de alívio por ter conseguido realizar seu objetivo.

Os afetos expressados por **Vitor** ganharam sentido no momento em que percebe que seu casamento acabou, embora quando se depara com o sentimento de dor, de perda gerada pela separação, diz ser difícil, porque não admite perder, ainda mais quando é uma pessoa que gosta.

Através do diálogo estabelecido na mediação entre a entrevistada **Tati** e seu parceiro, Tati constrói um novo sentido para sua relação quando ouviu o parceiro dizer que conseguiu mudar e ela percebeu que não mudou. Deste modo, ouvir do parceiro que ela não conseguiu mudar, no momento em que já estava certa da sua escolha, fez repensar, e por um instante sentiu arrependimento por não ter se esforçado, e que o pouco interesse em querer que a relação perdurasse fez seu casamento acabar.

O fato de **Mário** ouvir da parceira que ele podia ficar com o filho, possibilitou dar um novo sentido aos sentimentos que ele tinha em relação a sua parceira, disse ter sentido um nervoso com a presença dela, revelando seu amor. Mesmo assim admitiu que veio “armado” para mediação, pronto para guerra, e chegando na mediação percebeu mudança, justificando, na sua narrativa, que não sabia ao certo se foi o que ela disse, ou o que ele disse, mas só conseguiu dizer que mudou seus sentimentos por ela.

As questões relacionadas à separação, tanto as objetivas, divisões de bens, quanto as subjetivas, sentimentos pela companheira, para o entrevistado **Ari** sempre foram entendidas como situações bem definidas, pois, quando iniciou os encontros já tinha essa percepção, e para ele veio se confirmar na mediação. Por essa razão, Ari teve a sensação que na mediação nada de novo apareceu. Para esse entrevistado, o único sentimento que surgiu na mediação foi o nervosismo. Em relação a esse afeto, construiu um sentido dizendo que o nervosismo é fruto

do espaço por estar em um lugar novo, desconhecido, e não saber como funcionava o processo da mediação, mas, considera que as mediadoras conseguiram transformar esse nervosismo em tranquilidade.

O sentimento experimentado por **Karla** durante os encontros na mediação foi de tranquilidade, embora tenha reconhecido que o processo de separação foi doloroso. A tranquilidade, que diz experimentar, estava relacionada à forma como as mediadoras conduziram os encontros, além do que, o estar tranqüila para essa entrevistada também é explicado pelo fato do casal já vir com questões acordadas de casa, como por exemplo, a divisão dos bens.

Clara é uma mulher que ficou 16 anos, casada, e nesse período pouco conseguiu expressar seus sentimentos, muito menos identificá-los, porque, para esta mulher, o companheiro sempre foi uma pessoa irredutível, nunca deu importância ao diálogo, e quando tentava estabelecer qualquer conversa, ele falava mais alto, dizia que o essencial era colocar comida na mesa e o resto não importava. Foi na mediação que Clara conseguiu perceber os sentimentos presentes na relação e dar sentidos a eles, quando, na sua narrativa, fala da sua mágoa, da raiva e da parcela de culpa por ter se calado durante tantos anos diante desse homem que um dia escolheu para ser seu companheiro.

Os sentidos que **Nei** produziu sobre seus afetos no processo de separação conjugal estavam todos atrelados a questão econômico-financeira. Durante a entrevista, quando foi convidado a falar dos seus sentimentos, da sua história conjugal, do que sentiu enquanto estava acontecendo as mediações, sempre se remetia ao valor da pensão, dizendo sentir muita raiva da parceira. Para ele, o valor solicitado pela parceira, para a pensão das filhas, foi estrondoso e, só em pensar, vinha no corpo um calorão, um abafamento, senti-se angustiado, e com falta de ar por conta da raiva.

4.1 MEDIAÇÃO/AFETOS

A categoria mediação/afetos foi criada para tentar identificar se o processo de mediação possibilita a expressão do afeto, primeiro objetivo específico. Servirá como uma categoria introdutória para trabalhar as demais, visto que a construção das práticas discursivas, como bem coloca Spink e Medrado (2004), ocorre à medida que as pessoas constroem sentidos sobre suas falas, sendo que esta fala sempre está carregada de uma

história, com inúmeras vozes presentes no discurso. Para tanto buscou-se trabalhar com duas subcategorias: possibilidades para a expressão dos afetos e impossibilidades para expressão dos afetos.

A mediação familiar é uma modalidade de intervenção que visa, a partir da história de vida trazida pelos cônjuges, avaliar a dinâmica familiar dos participantes, que envolve perceber a comunicação, a relação parental e conjugal no intuito de auxiliá-los na compreensão e re-significação dos conflitos que se instalaram, favorecendo a autonomia dos indivíduos e a responsabilidade pelos seus atos. (CACHAPUZ, 2005).

4.1.1 Possibilidade para a expressão dos afetos.

A possibilidade para expressar afetos, na mediação, foi marcada pela comunicação, posto que, na maioria das vezes, os conflitos conjugais decorrem de uma comunicação inadequada. Na mediação, as partes são colocadas para dialogar sobre suas angústias e discutir pontos da relação que não estão claros. Portanto, essa foi uma subcategoria que serviu de embasamento para a discussão das demais, pois entende-se que é através da conversa que os afetos são expressados e ganham sentido.

Mediante o exposto, procurou-se na leitura dos mapas, encontrar nas narrativas apresentadas pelos entrevistados, falas que pudessem mostrar as possibilidades de expressão de afetos. Dentre os oito entrevistados, 4 (quatro), Karla, Ari, Vitor e Mário consideraram que a mediação foi uma possibilidade para expressão dos afetos, que se não tivessem conversado nesse espaço, não conseguiriam encontrar meios para dissolver seus conflitos.

Vitor, na sua narrativa, demonstrou que a mediação é um locus propício para promover reflexões acerca do conflito instalado na relação quando disse: *“Esse é um lugar para nós conversarmos, eu consegui falar tudo o que eu queria, se teve algo que eu não disse é porque eu não lembrei. Aqui eu acho que é o único lugar para gente falar”*. Desse modo, a comunicação foi um meio transformador das relações interpessoais, pois permitiu a Vitor, por meio do diálogo, a expressão dos seus afetos. O diálogo proposto ao casal, na mediação, os coloca na condição de reviver e experimentar sentimentos, emoções e afetos que estavam adormecidos, promovendo mudanças e crescimento pessoal e interpessoal.

Na mediação, as partes precisam necessariamente estabelecer uma comunicação, concentrar-se nos acontecimentos que levaram a discórdia conjugal, deixar de lado as

desavenças da relação para conseguir planejar um futuro promissor para ambos, e o caminho é a comunicação. (ÁVILA, 2004). Para tanto, a comunicação, na mediação deve acontecer de forma direta e objetiva, desprovida de artifícios e rebuscamentos, possibilitando que as partes consigam expressar seus afetos visando reduzir e a resolver os conflitos de uma maneira justa e satisfatória.

4.1.2 Impossibilidade para a expressão dos afetos.

A impossibilidade para expressar afetos, na mediação familiar, foi associada por Tati, Clara e Paula pelo fato de terem de falar diante de pessoas estranhas, questões ligadas a sua intimidade conjugal. No decorrer dos atendimentos, a partir do vínculo e da confiabilidade firmada conseguiram expressar-se. Enquanto que para Nei, o que lhe impossibilitou a expressão dos afetos foi a presença da parceira.

Na narrativa dos entrevistados abaixo, percebe-se a impossibilidade de expressar seus afetos:

“Na frente de pessoas estranhas existem coisas que não são legais falar, porque são coisas que já passaram para que lembrar”? (Tati)

“É muito difícil, é difícil porque são pessoas estranhas, era difícil falar da minha vida na frente de pessoas estranhas. Eu deixei muita coisa sem falar porque é complicado chegar e falar assim”. (Clara)

“Eu sou uma pessoa bastante reservada, então, pra mim, sempre foi complicado falar da minha vida particular imagina num lugar desses”? (Paula)

Apesar de Tati, Clara e Paula reconhecerem que a conversa é essencial para o bom andamento do caso, essas três entrevistadas sentiram-se, no início dos atendimentos, constrangidas em terem de que se expressar diante de pessoas estranhas, ainda mais quando foram convidadas a dialogar sobre sua história conjugal. Galano (1995), ao descrever sobre a importância dos grupos como um ambiente que permite a organização das idéias e a

expressão dos afetos, argumenta que, para algumas pessoas, esse é um lugar que causa estagnação, por conta da complexidade existente nesses espaços de relação, e perturbações que repugnam as capacidades expressivas dos afetos.

Na narrativa de Paula, foi possível identificar o que Galano (1995) trás, a dificuldade encontrada para expressar seus afetos, quando estes tiveram que ser apresentados diante de pessoas estranhas: *“Nessas horas é que a gente escuta coisas que não precisa escutar. Poxa, aí tu pensa: Não falou isso antes, tinha que ser na frente de pessoas estranhas, agora fica difícil discutir o assunto”*. Logo, o que se pode concluir, sobre a impossibilidade de expressão de afetos posta na mediação e, em especial, na narrativa de Paula, é que apesar do ambiente da mediação ser um local estranho, com pessoas desconhecidas, os entrevistados conseguiram encontrar meios para comunicarem-se, uns com menos, outros mais facilidade. Talvez por possuírem recursos emocionais que não os estagnaram, e esses conseguem, além de discutir questões pertinentes ao acordo, dar um novo sentido a sua vida. Essa transformação, da impossibilidade para possibilidade de expressão dos afetos, será vista mais a diante, em que esses entrevistados, depois de estabelecer um vínculo, conseguem dialogar sobre conteúdos emocionais nunca antes ditos na frente de estranhos.

Para o entrevistado Nei, percebeu-se, em uma de suas falas, que a presença da parceira foi um fator que impossibilitou a expressão do afeto em alguns momentos na mediação, porque, segundo ele, essa era uma questão que o incomodava demais, ao ponto de não conseguir pronunciar o nome da companheira na mediação *“Quando eu olho para ela tenho vontade de levantar e ir embora, porque eu passo mau [...]”*. O fato de Nei, na sua narrativa, mostrar que a presença da parceira o incomodava, o faz passar mau, impossibilitou a sua comunicação na mediação, dificultando a expressão seus afetos. Nei, dentro das suas impossibilidades, não conseguiu perceber as possíveis trocas afetivas que poderia estabelecer com a parceira, que o ajudariam a transitar na relação com mais conforto.

Por fim, se presume, na categoria mediação/afeto, que as possibilidades e impossibilidades para expressão dos afetos fazem parte de uma prática social, na qual os entrevistados desenvolvem seus discursos por meio de uma dialógica, implicada em uma linguagem em uso. Para alguns, a comunicação foi um fator que viabilizou a expressão do afeto, não se importando com pessoas estranhas, para outros o afeto pode ser expresso através da comunicação, mas, primeiro, tiveram que estabelecer um vínculo de confiança entre os mediadores. E ainda, para outro, a presença da companheira foi o entrave para a expressão dos afetos. Dessa forma, entende-se que a produção de sentidos, apresentada por Spink (2004) ocorre por meio de narrativas, conversas e argumentos, que são construídas ao decorrer da

história, se transformam e ganham sentido de acordo com o cotidiano e a relação que se estabelece com cada pessoa.

4.2 AFETOS QUE SE EXPRESSAM NA MEDIAÇÃO.

A categoria “afetos que se expressam na mediação” contribui para tentar se aproximar dos sentidos que foram produzidos pelos entrevistados, a natureza dos afetos na mediação familiar, no processo de Separação Conjugal. Sobre os sentidos, uma construção social, Spink e Medrado (2004) afirmam que se transformam dependendo do contexto-situação que o indivíduo está inserido, pois ambos limitam o discurso. Portanto, as regras lingüísticas, que permitem expressar, através da fala, sentimentos, é que irão nortear as práticas cotidianas e tenderam a manter e reproduzir os discursos das pessoas focados na reprodução social.

A partir do conteúdo dos mapas, foram criadas duas subcategorias da categoria afetos que se expressam na mediação. A primeira nomeada de “sentidos atribuídos sobre os afetos que se expressam na mediação em relação à Separação”, e a segunda “sentidos atribuídos sobre os afetos que se expressam na mediação em relação à Conjugalidade”.

4.2.1 Sentidos atribuídos sobre os afetos que se expressam na mediação em relação à separação.

Os sentidos atribuídos sobre os afetos que se expressam na mediação em relação à separação estão para alguns entrevistados (**Paula, Ari, Mário e Clara**), diretamente ligados ao **contexto-situação**, entendendo que o contexto é a mediação e a situação é a separação. Spink e Medrado (2004) afirmam que o contexto-situação é uma variável que permite a narrativa dos sujeitos, ou não, dependendo do lugar e das pessoas que estes se relacionam. Sawaia (1987 apud LANE, 1995), também denota importância ao contexto-situação, ao falar da pesquisa sobre mulheres faveladas que ao se comunicarem entre si, depois do vínculo e a confiabilidade firmada em um espaço novo, relembavam fatos que ressuscitavam emoções como alegria, raiva e decepção, e que essas, eram emoções não expressadas em outros

contextos, nem tão pouco em outras situações, que só faziam sentido naquele grupo, e dessa maneira elas conseguiam, aos poucos, recuperar sua independência afetiva, e perceber as nuances dos seus relacionamentos interpessoais.

O contexto da mediação foi para os entrevistados Paula, Ari, Mário e Clara, uma variável que causou, num primeiro momento, **estranhamento, nervosismo, indignação, mágoa e culpa**, porém, aos poucos, esses sentimentos foram modificando, e no lugar destes surgiu **conforto, tranquilidade, segurança e carinho**, em poder falar diante de pessoas estranhas questões referentes à separação. Na narrativa de **Paula** esses sentimentos ganham sentido no momento em que afirmou: *“No começo assim foi difícil a conversa na frente de duas pessoas estranhas, mais depois parecia que estávamos só nós dois, e eu me senti tranqüila”*. Percebe-se então que, aos poucos, essa entrevistada demonstrou modificações na maneira de pensar, sentir e agir. Ela conseguiu relaxar, sentiu-se tranqüila e pareciam até que estavam sozinhos, embora admitisse que em todos os encontros suas falas eram todas direcionada as mediadoras.

O mesmo foi percebido na fala de **Ari** quando alegou sentir nervosismo, e deu sentidos a esse sentimento quando disse: *“... Nervosismo por nunca ter passado por esse lugar”*. O nervosismo que Ari experimentou estava associado ao fato de não saber como funcionava o procedimento na mediação. Para ele o nervosismo surgiu no campo, no contexto, no de se expressar na frente de pessoas estranhas. Aos poucos esse sentimento se transformou em tranquilidade e segurança, pois disse que foi um processo bem pacífico, que a amizade e o respeito que já havia construído com sua parceira fora do campo em nenhum momento deixou de existir, sendo este então um dos motivos que o deixou tranqüilo e seguro durante os encontros. Denotando então que o contexto-situação possibilitou para **Paula e Ari** expressar afetos e construir um novo sentido a eles, pois, nos primeiros encontros, ambos demonstraram sentimentos que estavam associados ao contexto-situação. Sendo possível entender o que Sawaia (1995) coloca acima, que a comunicação só flui depois que criamos vínculos com pessoas que nos relacionamos, como ocorreu com as mulheres faveladas, e agora, com Paula e Ari, que expressaram suas emoções e deram sentidos a elas no momentos em que sentiram-se seguros no contexto-situação em que estavam.

Também para o entrevistado **Mário**, o contexto-situação foi fundamental para que pudesse dar sentido sobre os afetos que foram expressos por ele, durante os encontros na mediação em relação à separação. Mário tinha receio que os encontros não iriam ajudá-los na resolução do conflito, visto que, para ele, sua parceira sempre demonstrou ser uma pessoa difícil para conversar, uma pessoa grossa, debochada, irredutível. Segundo ele, depois que ela

tomava decisões não costumava voltar à atrás, sendo este, um dos motivos da separação, por não suportar pessoas assim. Relatou que, na mediação, teve vontade de pegá-la pelo pescoço, sentindo-se indignado com o jeito de ser da parceira, mas, para Mário, no decorrer dos encontros, ao dialogar com a parceira os afetos mudaram, ganharam novo sentido, sentiu-se surpreso diante da narrativa da parceira: *“Ela disse que deixaria o meu filho comigo, se eu fosse morar sozinho, só eu e ele, eu não esperava ouvir isso dela, fiquei surpreso, senti um carinho por ela ao ouvir ela falar isso”!* O sentido construído por Mário, em relação à posição da sua parceira, mudou, na mediação, no processo de separação conjugal, quando afirma: *“Na verdade mudou, eu vim pra cá, assim sabe, pronto pra guerra. Sabes quando o cara ta correndo em direção ao gol, pra fazer o gol?, Eu vim assim, e aqui mudou!”*. A mudança que Mário coloca está relacionada à emoção que experimentou na mediação após ouvir o discurso da companheira. A princípio experimentou raiva, e depois ao ouvir dela que ele podia ficar com o filho, deu vontade de chorar, ficou emocionado, e sentiu um carinho por ela, que até então não imaginava sentir. O sentido encontrado para a vontade de chorar, foi explicado por ele, quando disse: *“Quem sabe foi o que ela disse, quem sabe por ver ela, não sei, não sei, só sei que senti um carinho com a presença dela que até então eu não sentia. Eu não sei porque eu senti isso”*. O contexto mediação e a situação separação viabilizaram que **Paula, Ari e Mário**, expressassem seus afetos, apesar de ser para ambos, algo inusitado. Por essa razão, experimentaram, no início, afetos discrepantes em relação ao que surgiu depois de estarem seguros no campo. No início experimentaram nervosismo, estranhamento, indignação, mágoa e culpa e depois foi se transformando em tranquilidade, conforto, carinho, viabilizando conversas, jeito de Ser, possibilidades de mudanças nas relações interpessoais, reforçando o que Cachapuz (2005) trás sobre a mediação familiar, um espaço transformador de relações sociais, que gera autonomia, possibilita a expressão dos sentimentos e tem como objetivo promover mudanças na qualidade de vida das pessoas que procuram por esse serviço.

Para a entrevistada **Clara** falar da **mágoa** e da **culpa** experimentadas durante os encontros, que para ela se mostrou mais acentuada no início das mediações, ganhou sentido na mediação. Antes desse período não conseguia dar sentido a esse afeto, pois não conseguia expressá-los, dizia que, diante do parceiro, se calava: *“Aqui é que eu percebi que eu estava muito magoada, é que eu dava muito atenção a coisas que não tinha necessidade, às vezes coisas que podiam passar, e eu ficava guardando”*. Essa entrevistada produziu sentido a sua mágoa devido a falta de atenção e de carinho por parte do parceiro, para ela, são afetos que faltaram no casamento, sendo esse um dos motivos da separação. **Clara**, diante da ausência de atenção e de carinho, se calou e disse: *“Sempre tentei falar, mas ele nunca parou para ouvir,*

ele nunca ta interessado”. Essa construção afetiva, que Clara apresenta é entendida por Spink e Frezza (2004) como uma atividade humana meramente social, que envolve consciência, reflexões, e armazenamento de conhecimentos, que, aos poucos, através de experiências do cotidiano as transformações vão se firmando e os sentidos das ações sobre as coisas que estão no mundo vão surgindo. Um processo dialético, acompanhado de inúmeras vozes que permite transformar o velho no novo.

Embora Clara tenha constatado a ausência de alguns afetos por parte do parceiro, e por essa razão se calou, alegou também que sentiu culpa pela separação e que esses foram sentimentos experimentados durante os encontros na mediação. Na sua narrativa, construiu sentido a sua culpa, quando disse que faltou esforço e paciência: *“Um dos meus sentimentos é uma parcela de culpa da minha separação, por mais que eu tenha tentado, por mais que eu tenha dado chance, às vezes eu acho se eu tivesse me esforçado mais teria mais paciência, talvez, talvez teria dado certo, mais isso foi só uma possibilidade”*. Portanto, para **Clara**, a mediação foi um espaço que possibilitou a expressão dos seus afetos e a culpa ganhou sentido quando disse que não deveria ter se calado, poderia ter se esforçado, ter tido paciência, já a mágoa veio pela falta de atenção, de carinho e da presença do parceiro na relação. Para ela durante muito tempo, esses sentimentos estavam guardados e, na mediação, conseguiu dar sentidos para sua história. A concepção que tem de si mesma, como denota Pinheiro (2004), deixou de ser desarticulada no momento em que se localizou no tempo e na história, Clara traz a história conjugal para a mediação, se apropria da narrativa de vida, e por meio das práticas discursivas apresentadas consegue produzir sentido aos seus afetos, em relação a si, ao parceiro e a separação.

Quando alguns sentimentos, como respeito, companheirismo, carinho, deixam de existir no casamento, o sofrimento apodera-se da relação e abre espaço para culpa, remorso, desânimo, raiva. Tomam uma dimensão afetiva que distancia os sonhos de uma vida a dois. Sawaia (1995) faz uma analogia com esses sofrimentos, com o “tempo de morrer”, sendo um tempo de submissão social, que atinge as pessoas na sua integridade física e psíquica, colocá-las numa condição indesejada, impedindo-as de conquistar seu espaço nas relações. O que Sawaia (1995) traz confirmou-se na narrativa de **Clara**, sentimento de desânimo por não ter conseguido estabelecer um diálogo na mediação com seu parceiro:

“Sentia muita coisa, primeiro um desânimo, né, um desânimo total de fazer qualquer coisa, uma vontade de ficar trancada no quarto o tempo todo. Esse era o sentimento que eu tinha, de não poder desabafar, de não poder jogar tudo em cima

dele o que eu tinha para falar. Uma vontade de ficar trancada, e não olhar para cara de ninguém, nem das minhas filhas.”

O tempo de morrer apareceu na fala de **Clara**. Ele é discutido por Sawaia (1995) como uma falta de recursos emocionais, de força para pensar e agir diante das crises, deixando uma sensação de fracasso e desânimo, de uma consciência de que nada pode ser feito para sair da situação instalada. Uma espécie de abandono dos seus recursos internos, a pessoa entra num estado de apatia até causar uma anulação das emoções ao ponto de chegar numa realidade afetiva neutra. O tempo de morrer, sentido por Clara, ganhou espaço pelo tempo de viver, durante os encontros na mediação, quando ela reconhece que mudou, que aprendeu a não absorver todos os problemas, e que quando estava estressada, procurava ler um livro, pintar uma tela, como forma de sublimar sua tensão emocional e diminuir seu sofrimento.

A essa mudança demonstrada por **Clara**, Sawaia (1995) chamou de tempo de viver, que é possibilitar a si um momento para viver, permitindo transformações tanto pessoais como interpessoais em busca de sensações que revigorem os ânimos e a força para seguir em frente. Esta mudança que Clara atribuiu aos seus sentimentos estava atrelada a forma como passou a ver sua relação com seu parceiro, saiu do estado de apatia e passou a olhar para a situação de outra maneira, deu um novo sentido à vida.

Quando acaba um relacionamento amoroso, Kingma (1993) relata que alguns cônjuges vivenciam afetos diferentes, para uns, os sentimentos se apresentam de forma mais intensa que para outros. A entrevistada Paula falou do sentimento de pena devido ao término do seu casamento. Para ela a pena ganhou sentido quando relembrou, na mediação, os momentos felizes que passou ao lado do ex-parceiro. Relata que esse sentimento trouxe uma vontade de chorar, os olhos encheram de lágrimas várias vezes, mas a decisão pela separação falou mais alto e não permitiu que demonstrasse a emoção. Já **Clara** trouxe a raiva que surgiu durante os encontros em relação ao seu parceiro por ser um homem que não dava atenção para a família. Esse foi um dos motivos que a fez, aos poucos se afastar da sua companhia e hoje o que mais quer é manter distância e viver a vida com suas filhas.

A questão **econômico-financeira** se apresentou como outra forma dos entrevistados atribuírem sentido sobre afetos expressados na mediação em relação à Separação. O descasar-se é um ritual que para algumas pessoas está atrelado a divisão de bens que envolvem despesas financeiras e gera sofrimento. Araújo (2002) traz que alguns dos afetos presentes no descasar-se estão firmados no negócio, com ênfase nos bens materiais.

Percebe-se então, na fala do entrevistado **Nei**, o que Araújo (2002) fomenta, que o desfecho do casamento tornou-se um negócio e falar sobre os afetos que fazem parte dessa temática, para este entrevistado, é sentir **revolta, estresse, arrependimento, calorão, tremedeira, falta de ar, abafamento e raiva**. Na sua fala foi possível entender o sentido dado a esses afetos e sentimentos:

“Dá um calorão, eu fico tremendo, dá uma tremedeira, porque eu não gosto de me incomodar, não posso me incomodar. Eu achei muito chateado o que ela fez ai, pra mim foi muito péssimo o que ela fez mesmo, é uma coisa que eu não esperava, uma pessoa dessa ai, ela não tem caráter, porque se ela pensa que eu não me informei, ela pensa que eu sou trouxa, me pediu 40%, ela pensa que eu ia pagar, eu não ia, nós ia pra justiça, daí eu ia torce pra ela arrumar um advogado que ela ia ganhar menos de 30% [...]”

As emoções experimentadas por **Nei** denotaram o que Muszkat (2008) afirma sobre o processo da separação conjugal. Este é um período em que alguns conflitos se instalam, devido às exigências, expectativas e idealizações pessoais contrárias uma das outras. O sujeito, ao se sentir injuriado, incompreendido no processo de separação, pode se tornar uma pessoa inconciliável. Foi o que ocorreu com **Nei**, ao exigir-lhe um valor a ser pago pela alimentação das filhas além do esperado, sentiu-se um homem humilhado, e deu sentido a esse afeto quando identificou no corpo um calorão uma tremedeira.

Porém, ao mesmo tempo por meio desse desconforto instalado na relação, Muszkat (2008) diz que é possível construir ao mesmo tempo uma noção de Eu individual e universal, e vislumbrar tomadas de decisões menos conflituosas e mais transformadoras no momento da separação, tanto para uma das partes quanto para o casal. A construção desse Eu, que Muszkat (2008) traz é conseguir se colocar no lugar do outro, sendo esta uma questão que **Nei** não conseguiu resolver. O tempo todo demonstrou interesses particulares, esqueceu de perceber as necessidades das filhas. Para **Nei** foi difícil manter um diálogo, uma conversa durante os encontros na mediação, quando estava perto da parceira não conseguia conversar. Demonstrou essas emoções quando disse: *“Na frente dela não chorei, eu fiquei abafado, com falta de ar [...] a maior parte do meu estresse sou eu mesmo, porque eu não coloco pra fora, fico pra dentro, pra não fazer confusão”*. Na frente da parceira, **Nei** não conseguiu encontrar uma trégua, um espaço para o diálogo, e disse: *“Ela tá ali é a mesma coisa que não tá, eu tenho muita raiva dela, quando ela está presente eu fico ruim, se um dia eu tiver em um local que ela chegar eu saio [...] eu tive vontade de avançar nela, de tanta raiva”*. Portanto, os sentidos atribuídos sobre os afetos que **Nei** expressou durante a mediação, são de uma pessoa

indignada, humilhada, injuriada, por não se conformar em ter que pagar 40% do seu salário no final de cada mês. Para este entrevistado, o que de fato interessava eram as suas necessidades, não conseguia perceber as do outro, confirmando que a questão econômico-financeira foi uma variável que possibilitou-lhe construir os sentidos sobre os afetos que expressou na mediação em relação a sua separação.

As conversas propostas ao **Nei**, na mediação, foram atividades motivadoras e categorias substanciais, para que este conseguisse dar sentido aos seus afetos. Quando **Nei** fala que está com raiva e que tem vontade de cuspir na cara da companheira, está expressando sua indignação, sua revolta, e faz isso no momento em que falava da questão econômico-financeira. Percebe-se então que a narrativa de **Nei** está sempre carregada de emoções ligadas as questões materiais da relação, e é por meio do pensamento e da linguagem, instâncias mediadoras, que às relações foram se constituindo para ele na mediação, num processo dialético entre subjetividade e objetividade, em que os indivíduos são produtos e produtores da sua história, das suas expressões afetivas, e por meio das práticas discursivas conseguem dar sentido a sua história. Lane (1995) reforça essa idéia quando diz que as emoções, a linguagem e o pensamento são mediações que levam à ação, portanto, para ela, somos as atividades que desenvolvemos, somos a consciência que reflete o mundo e somos afetividade que ama e odeia este mundo, e com esta bagagem nos identificamos e somos identificados por aqueles que nos rodeiam.

4.2.2 Sentidos atribuídos sobre os afetos que foram expressos na mediação em relação à conjugalidade.

Os afetos conjugais expressados na mediação, foram ganhando sentidos a medida que os entrevistados falavam da sua dor, do seu sofrimento, das decepções, da raiva, da culpa, do ressentimento, da alegria, da amizade e do respeito. Sentimentos que surgiram durante a relação, a até mesmo durante os encontros na mediação. Essas expressões afetivas, para alguns dos entrevistados, só foi possível dar sentido na mediação, no momento da escuta do mediador, da fala de uma das partes. A entrevistada **Paula** afirma: *“Aquela relação que a gente tinha de marido e mulher, amigos eternos, isso tudo tinha desaparecido nos primeiros encontros, aqui dentro tivemos atitudes de revolta”*. A **revolta** ganha sentido na narrativa de Paula quando disse: *“[...] não era isso que a gente esperava, a gente esperava que fosse*

chegar aqui e resolver tudo e ir embora [...]”. Denota-se então, que na fala de Paula, a revolta configura-se como um sentimento inesperado, que surgiu na mediação. A esse respeito, Galano (1995) fomenta que as expressões afetivas em um relacionamento estão atreladas aos sentidos que são dados pelos indivíduos nas relações cotidianas, que no caso de Paula, aos poucos, na conversa com seu parceiro na mediação, consegue encontrar meios de aproximação da sua história conjugal, com menos sofrimento, coisa que até aquele momento não estava conseguindo, falar da relação conjugal remetia falar de **ressentimento**. Ela mesma afirma: *“Houve ressentimento, a gente se enfrentou, mas agora houve o cuidado um com o outro, a gente está se respeitando”*. Percebe-se então que os afetos construídos no casamento ganham novas formas na mediação, aparecem **mágoas, ressentimentos, revoltas**, mas, aos poucos, através do diálogo é possível convertê-los em sentimentos, como **respeito, amizade, carinho**. Na fala de Paula isso ganha sentido quando disse:

“[...] a cada encontro a gente se desentendia um pouquinho antes de entrar pra mediação, e eu achava que ia ter uma tendência de piorar, que a gente não ia se entender, que a gente ia se odiar, que ia ter sentimentos mais fortes, mais não, acho que tá surgindo aí uma coisa que é nova pra gente, que é sei lá, de repente levar só carinho, deixar o que está acontecendo agora que é ruim, tentar não bagunçar o que de bom a gente já teve, tentar não estragar as coisas boas, que a gente continue se respeitando, que da parte dele ele também acha isso, e da minha parte é só desejar felicidade pra ele, assim eu não tenho mais vontade que ele se de mal, que foi a situação que levou a gente a separação [...]”.

O **diálogo** proporciona enxergar as nuances em uma relação de anos de convivência e abrir espaço para o acolhimento, permitiu dar sentido à expressão de afetos. Além disso, viabiliza a resolução de conflitos, que, até então, o casal não enxergava por falta de comunicação. Muszkat (2008) corrobora com a idéia de que, em uma relação, quando uma das partes consegue perceber a existência do outro abre caminhos para que esse outro consiga falar das suas dores, promovendo crescimento e amadurecimento na relação interpessoal. Paula, na fala acima, demonstrou este amadurecimento, pois, nos primeiros atendimentos na mediação, o que queria era o mal do seu parceiro e, aos poucos, a partir das conversas estabelecidas com o parceiro e as mediadoras, construiu um novo sentido para os afetos, carinho, respeito, que foram expressos na mediação, quando ela disse que estava surgindo algo novo na relação.

Para a entrevistada **Tati**, a expressão dos afetos em relação a conjugalidade só foi possível na mediação. Antes de iniciar os atendimentos relatou que não conseguia manter uma conversa com o parceiro, afirmou que os dois são pessoas muito diferentes, que fez de tudo

para manter o casamento, mas não deu certo. Disse que nunca conseguiu estabelecer uma conversa porque não tinha argumentos e, por conta disso, paralisava. Para ela ficar paralisada ganha sentido quando diz:

“[...] a gente não se entende, sabe ele é o vinho e eu sou o óleo, como homem e mulher, a gente não, não se acha. Ele fala as coisas pra mim, então muita coisa que ele fala ele tem razão, e eu não tenho argumento pra discutir com ele, ou pra falar pra ele que não é assim ou que eu penso de outra forma. E isso me paralisa”.

Agnes Heller (1985 apud SAWAIA, 1995) fomenta que essa paralisação é fruto das diferenças entre as pessoas, que para alguns causa alienação a certos sentimentos, impedindo a expressão de afetos e sentimentos, através da fala, por exemplo. A esse respeito Tati atribuiu sentido quando disse que ele é vinho e ela o óleo, e essas diferenças, fizeram com que ela ficasse paralisada diante do parceiro. O mesmo aconteceu com Clara ao dizer: *“... é melhor ficar calada, é melhor não falar para não magoar ainda mais ele...”*. Algumas pessoas perdem sua individualidade após o casamento, como bem coloca Féres-Carneiro (1998), ao relatar que o fascínio de se tornar um grande casal se perde quando este procura sintetizar suas individualidades e particularidades com a conjugalidade, não conseguem lidar com as diferenças, distinguir o que é seu e o que é da relação e passam a viver a relação como se fosse uma só pessoa. Preferem se calar, se privar ao invés de dialogar para buscar entendimento.

A falta do diálogo na relação conjugal leva ao distanciamento afetivo. Segundo Granda Jr. (1983), o distanciamento afetivo está atrelado a fatores externos da relação ou internos, fantasias, imaginações, idealizações, que não são supridos. A respeito do distanciamento afetivo, a entrevistada **Tati** relata que seu amor pelo parceiro foi aos poucos acabando: *“Todo aquele sonho de menina, de ter um casamento perfeito, eu vou acordar cedo e vou levar café na cama pra ele, fazer uma surpresa, acabou! Eu não gosto mais dele, porque ele ficou me podendo. Dizia que não gostava dessas coisas”*. Essa sua narrativa ganhou sentido na mediação ao dizer: *“Ele saiu de casa chorando, e pra mim eu fiquei um poste, uma geladeira, é horrível isso, mais eu fiquei. Sabe, eu não consegui esboçar nada, nada, nem um: Ai ele foi embora! E eu me tornei uma geladeira”!* Portanto, o distanciamento afetivo de Tati, como bem coloca Granda Jr (1983) está ligado a fatores internos da relação, Além disso, a falta de afeto pode ser compreendida a partir do que Féres-Carneiro (1998) argumenta sobre o casal na contemporaneidade, que se perdem na relação por tentar encerrar

ao mesmo tempo duas individualidades em uma única conjugalidade. Como foi o caso da entrevistada Tati, idealizou um casamento perfeito, e como toda idealização a sua inicia e encerra-se em si mesmo, teve um final.

Portanto, os sentidos que foram construídos a partir das narrativas dos sujeitos da pesquisa vão de encontro ao que Spink (2004) apresenta no capítulo VIII do seu livro. A autora traz a importância da conversa nas relações cotidianas, afirmando que são práticas discursivas, carregadas de significados e de inúmeras vozes. Dessa forma compreende-se que as conversações são uma interação verbal extremamente rica e importante na seara da comunicação e é por meio delas que as pessoas constroem sentidos sobre as coisas que estão no mundo e re-significam sua história.

4.3 ELEMENTOS QUE POSSIBILITAM A EXPRESSÃO DOS AFETOS E CONTRIBUEM PARA A TOMADA DE DECISÃO.

Para poder compreender os sentidos atribuídos sobre os afetos que são expressos no processo de separação conjugal, na mediação familiar, se fez necessário criar a categoria elementos que possibilitam a expressão dos afetos e contribuem para a tomada de decisão. E, como elementos, destacam-se os mediadores como agente atuante desse processo, os sentimentos que contribuíram para tomada de decisão e a própria mediação familiar. Para tanto, buscou-se através dos mapas de associação de idéias, encontrar o que Àvila (2004) coloca sobre o papel do mediador, uma pessoa habilitada em promover reflexões acerca dos conflitos que fazem parte da relação conjugal de modo a fazer da mediação um espaço transformador das relações interpessoais.

4.3.1 Atuação do mediador na inter-subjetividade grupal

Para começar a falar desta subcategoria, Atuação do mediador em situação de troca inter-subjetiva, como elemento que possibilita a expressão do afeto, resgato o que Galano (1995) afirma sobre grupo, entendendo que as mediadoras juntamente com as partes formam um grupo. Para tanto, esse autora alega, que ao nos aproximarmos de qualquer grupo,

seja ele formal ou informal, nos aproximamos de produções afetivo-emocional, e são essas que, por sua vez regem o clima entre os membros de um grupo. **Vitor** demonstrou esta produção afetivo-emocional. No início dos atendimentos, ele relatou que estava **apreensivo, fragilizado, abalado emocionalmente, que mal conseguia falar da sua dor que logo chorava.**

Na mediação, Vitor, fragilizado emocionalmente, encontra sentido para expressar seus afetos. Para ele, o conseguir conversar está atrelado à segurança e à tranquilidade que sentiu diante das mediadoras quando falava das suas dores em relação a sua parceira: *“Chegando aqui foi bem diferente, foi passado uma segurança pra mim, entende? A gente não é forçado a nada, entende? Tudo fica em função da gente, entende?”* Essa narrativa de Vitor ganha sentido quando comparou o clima de dentro e fora da mediação, que para ele entrevistado falar da sua história conjugal, dos momentos dolorosos da separação na mediação tornou-se algo suave, acolhedor, receptivo, como disse: *“A gente tando fora todo mundo fala uma coisa, e ai a gente chega aqui com uma visão totalmente diferente, chegando aqui, tranqüilo, porque aqui a gente é bem recebido”*. A atuação do mediador, como bem coloca Cachapuz (2005), é de auxiliar as partes na resolução de seus conflitos, reformulando conceitos e valores para que as partes consigam encontrar um desfecho para as situações conflituosas. Essa autora alega que os desentendimentos que foram instalados em virtude da separação podem ser mediados e convergidos em solução com ajuda do mediador, mas para isso as partes precisam se implicar no processo. Uma das formas é o diálogo, pois é através das práticas discursivas, que são construídas no cotidiano, que as pessoas re-significam sua história, expressam suas emoções.

Quando as pessoas chegam ao serviço de mediação familiar, alguns delas sentindo-se apreensivas, revoltadas, expressando sentimentos de **perda, mágoa, medo, insegurança**, de não saber ao certo o que vai acontecer, como relatou Karla: *“Eu cheguei aqui, antes eu tava bem apreensiva, bem preocupada”*. Aos poucos no interjogo grupal essa entrevistada compreendeu que a atuação do mediador contribuiu para que ficasse segura durante os encontros. Na sua narrativa, Karla expressa o profissionalismo das mediadoras e, por conta disso, assim relata: *“Eu achei que as meninas foram bem profissionais, de repente essa segurança”*. A esse propósito, Galano (1995) afirma que, no interjogo grupal, as idéias são entrelaçadas, permitindo que os vínculos sejam criados entre os membros do grupo, e contribuam para que as pessoas sintam-se seguras. Portanto, cabe ao mediador desempenhar seu papel, desenvolvendo algumas habilidades chamadas, por Cachapuz (2005), de imparcialidade, de flexibilidade e de sigilo, assim, estará permitindo que as pessoas se sintam

acolhidas e confortáveis para expressar seus afetos, como relatou Karla. Além disso, o mediador tem a função de clarificar o processo de mediação, para que essas pessoas entendam como funciona o serviço, evitando fantasias e preocupações desnecessárias, sabendo, é claro, que as produções afetivo-emocional sempre estão presentes em um grupo.

4.3.2 Sentimentos que contribuíram para a tomada de decisão.

Os sentimentos presentes, na relação dos entrevistados com seus parceiros, também influenciou a expressão dos afetos e a tomada de decisão. Para aquela pessoa que chegou à mediação muito presa a sentimentos como raiva, culpa, medo, mágoa, amor em relação ao seu cônjuge, encontraram dificuldades em estabelecer diálogos que pudessem dissolver conflitos e viabilizar acordos. Agora, aqueles que chegaram à mediação com esses sentimentos mais elaborados, porque já estão com outra pessoa, ou porque essas são questões já resolvidas anteriormente, ou até mesmo porque foi a pessoa da relação que decidiu pela separação, essas, encontram saídas menos sofridas para elaborar a perda provocada pela separação e tomar decisões.

Marcondes; Trierweiler e Cruz (2006) alegam que as pessoas que tomam a iniciativa pela separação experimentam sentimentos denominados como positivos - sensação de bem estar e alívio, acompanhados de uma euforia por se ver livre do peso e da tensão da situação infeliz, que são sentimentos que contribuem para tomada de decisão. Os autores alertam que, embora a pessoa que tenha optado pelo descasar-se, e apresente sentimentos positivos, elas também terão fases que experimentarão sentimentos negativos como tristeza, culpa, raiva e perda.

Em relação ao sentimento positivo que vislumbra tomada de decisões em uma separação, a entrevistada **Clara**, na sua narrativa, demonstra que a calma foi um sentimento que ajudou durante os acordos, quando disse: *“Se a gente não consegue manter a calma, a gente não consegue chegar a lugar nenhum, não tem acordo, não tem conversa, não tem um fim, está sempre enrolando”*. Esta entrevistada, foi a pessoa quem optou pela separação e a calma que expressada foi um sentimento que auxiliou para tomada de decisão, embora, como demonstraram os autores Marcondes; Trierweiler e Cruz (2006), que sentimentos negativos também estão presentes, com Clara não foi diferente, teve momentos na mediação que sentiu vontade de pedir para o parceiro *“calar a boca”*, sentiu muita raiva, mas a calma se

sobressaiu. Respirar fundo, e pensar em suas filhas, foi uma estratégia utilizada por ela para auxiliar no acordo.

A entrevistada Paula relatou que a falta de amor pelo parceiro ajudou para tomada de decisão. Para Vitor, pelo contrário, chegou à mediação ainda amando sua parceira, para ele este foi um sentimento que dificultou aceitar a separação e definir um acordo, quando disse: *“É difícil aceitar uma coisa que tu não queria, eu estou bem chateado, o que me judia muito é a perda, não consigo pensar em muita coisa, mais aos poucos tu vai aceitando, tu vai amadurecendo a idéia”*. O aceitar a separação, o amadurecer das idéias, colocados por Vitor denota uma construção social que vai de encontro ao que Spink e Medrado (2004) colocam, as pessoas, na dinâmica das suas relações cotidianas, constroem uma rede de significados que permitem dar sentidos aos sentimentos e emoções expressados.

Um dos assuntos debatidos na mediação familiar é a história conjugal. Falar sobre essa demanda é falar de sentimentos, de afetos, como ficou ilustrado na fala dos entrevistados, Paula e Vitor, ambos demonstraram, nas suas narrativas, seus sentimentos. A esse respeito, Marcondes; Trierweiler e Cruz (2006) argumentam que na separação ocorre uma quebra de vínculos afetivos, que surgem tanto do amor quanto do ódio e das brigas do casal. Para esses autores esse é um momento que acarreta dor, angústia, tristeza, alívio, culpa, com formas diferenciadas para cada parte. O elemento falta de amor pelo cônjuge, apresentado na narrativa de Paula, facilitou os acordos, embora ela tenha expressado tristeza e dor pelo fim do relacionamento, para ela, esses foram sentimentos que não dificultaram na sua tomada de decisão, pois criou uma tática para não ter contato com alguns sentimentos: *“Eu procurava desviar meu olhar pra rua, eu tentava não demonstrar, porque a emoção veio na hora errada, porque eu estava negociando um acordo”*. Já o entrevistado Vitor, a todo o momento demonstrou sua emoção, disse que chorou várias vezes durante os atendimentos quando falava do seu relacionamento, porque amava demais a parceira e, por conta dessa emoção colocou que encontrou dificuldades para pensar em acordos, mais aos poucos, conseguiu dar sentido as suas emoções, e aceitar a separação: *“Com o tempo tu vai aceitando, amadurecendo a idéia da separação”*, demonstrando o que Féres-Carneiro (2003) descreve, que apesar da separação ser um momento doloroso, é possível superação, fortalecimento e equilíbrio psíquico, entendendo que as mediadoras foram elementos ativos nesse processo para que esse entrevistado conseguisse tomar decisões a respeito da sua vida.

4.3.3 A mediação familiar, como um espaço que viabiliza a expressão dos afetos e contribui para tomada de decisão.

A mediação familiar é um espaço que possibilita a resolução de conflitos por meio do diálogo, de reflexões, e de intervenções transformadoras frente à questões objetivas, como partilha de bens, e questões subjetivas da vida do casal e da família como bem coloca Shailor (1999) ao dizer que a mediação não se resume apenas como um espaço que viabiliza acordos, embora esse objetivo não seja excluído. Mas a maior ênfase da mediação familiar é proporcionar autonomia, segurança, determinação e promover diálogo para que as pessoas, que por lá são atendidas, consigam dissolver seus conflitos e chegar a um acordo que promova crescimento interpessoal.

Para tanto, nessa subcategoria mediação familiar como espaço que promove a expressão dos afetos, a entrevistada Tati conseguiu representar na fala o sentido que esse espaço possibilitou para tomada de decisão:

“Aqui é que eu percebi que nós podíamos conversar, eu nunca imaginei que um dia isso fosse possível, desde que a gente se separou essa foi a primeira vez [...]”, e continua “[...] ouvir ele dizer que meu filho podia ficar comigo, só aqui mesmo, porque lá fora eu não dou chance pra falar com ele, e ele muito menos pra falar comigo. Eu gostei do que aconteceu, porque eu acho que tudo é válido”.

Essa trégua que Tati instalou com seu companheiro, na mediação familiar, permitiu o diálogo entre os dois, provocou reflexões a respeito das suas posições enquanto pai, e enquanto mãe. Foi a partir do diálogo que Tati conseguiu construir um sentido sobre o papel de ser pai, quando disse: *“Como pessoa, ele é dedicado, ele é fiel, ele é tudo de bom, ele é o pai que eu escolhi para meu filho”*. Reforçando o que Spink e Medrado (2004) retratam sobre as práticas discursivas em determinados contextos, em que o falar permite dar sentido às questões nunca antes pensadas, como aconteceu com Tati, conseguiu, a partir do diálogo estabelecido na mediação, descrever o pai do seu filho, amenizando o conflito que estava instalado entre os dois, por conta da falta de comunicação.

O diálogo firmado entre **Mário** e sua parceira, na mediação possibilitou construir outro sentido ao seu papel de pai, quando disse: *“Eu fico imaginando ela, saber que teu filho pode fazer isso comigo o que está fazendo com ela, não quer ficar contigo, imagina, então eu senti a tristeza que ela sente, e foi horrível”*. O fato de Mário conseguir colocar-se no lugar da

parceira e perceber a tristeza que ela estava sentindo por seu filho escolher o pai e não a mãe, permitiu dar um novo sentido à visão que ele tinha sobre ela, se encaixando naquilo que Muszkat (2008) fala sobre o reconhecimento do outro na relação, este é um momento que ocorrem mudanças no comportamento tanto da parte incompreendida, como da que tenta compreender. Um período transformador da relação e minimizador dos conflitos, pois viabiliza amadurecimento do casal e acalma os conflitos para tomada de decisão.

O espaço da mediação familiar é um lócus onde os casais expressam suas angustias, tomam consciência da real situação, como trouxe Vitor: *“Eu cheguei aqui sentindo como fosse o marido dela, sofrendo muito, mais hoje não, hoje está tranqüilo, tentei esquecer a dor, os sentimentos, assim, mais emoção, agir com a razão, pensar mais em mim”*. Essa mudança que aconteceu com Vitor é explicado por Kingma (1993), quando relata que a pessoa, ao tomar consciência do desfecho amoroso, procura se distanciar emocionalmente do parceiro, e agir com a razão. Vitor ao conscientizar-se da sua real situação, que seu casamento havia acabado, procurou manter distância dos seus afetos em relação à parceira para evitar o sofrimento. Diz estar agindo com a razão, pois esse foi um meio que encontrou para tomada de decisão, visto que estava muito abalado emocionalmente.

Já para Sawaia (1995), essa motivação que levou Vitor pensar mais nele e deixar de lado a dor, estava a todo o momento movida pela emoção, a essa autora, diferente do que Kingma (1993) afirma, quando agimos com a razão, junto, existe a emoção. Não há como deixar de lado uma instância e tomar posse da outra, as duas só existem juntas, em que sentir está implicado às pessoas e aos objetos, é poder avaliar o significado do mundo e das ações que decidimos ter. Os sentimentos são oriundos da vida cotidiana, das relações, com capacidade de guiar os contatos humanos e ao mesmo tempo ser orientado por estes, por mais que Vitor tenha tentado esquecer a dor, ela estava presente, como um pano de figura e fundo, ora se sobressai à dor pela perda, ora se sobressai a tranqüilidade de poder estar falando dessa dor em um espaço acolhedor, que viabiliza a tomada de decisão, que possibilita a transformação das relações interpessoais e intersubjetivas, denominado mediação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta parte do trabalho tem como finalidade condensar as informações mais relevantes alcançadas durante a pesquisa e demonstrar se foi possível encontrar uma resposta para o questionamento que nos moveu por esse percurso, que foi compreender os sentidos produzidos sobre os afetos que se expressam na mediação familiar, no processo de Separação Conjugal. Primeiramente, cabe retomar a matriz inicial, que deu origem a esse trabalho e, depois então, verificarmos se os objetivos propostos foram suficientes para dar conta do objetivo geral e responder à pergunta de pesquisa, criando assim um nexos entre o que foi proposto e o que foi possível chegar.

A matriz inicial a que me refiro é a Mediação Familiar, localizada num fórum da região da Grande Florianópolis, local onde está pesquisadora atuou como mediadora de conflitos e teve seus primeiros contatos com os possíveis sujeitos que participaram da pesquisa. Os casais que procuram esse local para realizar a separação conjugal, fazem de maneira consensual, ou pelo menos tentam fazer, gerando menos sofrimento para eles e a família, pois conseguem com o auxílio do mediador re-significar sua história e dar um novo sentido aos conflitos que se instalaram na relação. Caso não consigam atingir um acordo, são encaminhados para assistência judiciária gratuita para fazer a separação litigiosa.

Algumas pessoas, quando são convidadas a falar da sua história na mediação familiar, sobre o que provocou a discórdia conjugal, sentem-se constrangidas, e selecionam falas, reservam-se, passam a ser pessoas passivas no cenário da sua própria vida, como se fossem meros expectadores e esquecem que o principal coadjuvante das suas histórias são elas mesmas, e se a história for contada por terceiros perde o sentido.

Em se tratando dos entrevistados dessa pesquisa, todos conseguiram se expressar, é claro que alguns mais e outros menos, até porque pertencem cada qual a um contexto sócio-histórico diferente, afinal somos todos ímpares dentro de um universo par, cada um possui suas particularidades e jeito de ser.

Vale ressaltar que o foco principal do raciocínio da pesquisadora foi à busca do entendimento dos sentidos construídos pelos entrevistados no que diz respeito ao que era perguntado. Portanto, em momento algum se teve a pretensão de encontrar respostas objetivas, prontas que se enquadrassem no referencial teórico estudo. O que importou foi a compreensão das perguntas e das respostas, que se apresentaram significativamente diferente ao contexto de cada entrevistado.

Os casais, na mediação, são convidados a dialogar e a discutir pontos da relação que não estão claros. Dessa forma, a comunicação para os entrevistados foi o veículo possibilitador da expressão dos afetos, seja através de um gesto, de uma narrativa, das emoções presentes, do choro, do riso, elementos que aos poucos foram ganhando sentido e passaram a fazer parte do cotidiano da mediação e da vida de cada entrevistado.

Após essa primeira parte das considerações, apresenta-se as considerações referentes a cada objetivo específico. A princípio, verificou-se a necessidade de identificar se o processo de mediação possibilitou a expressão do afeto, para que assim fosse possível identificar os tipos de afetos que os entrevistados expressaram no processo de mediação. Por fim, investigar se os afetos expressados durante a mediação contribuíram para que as partes chegassem a um acordo.

Notoriamente, em relação ao primeiro objetivo específico, percebemos em algumas falas, as impossibilidades, no início dos atendimentos, de expressarem seus afetos, por estarem diante de pessoas estranhas, pela presença do próprio parceiro. Ao poucos, na relação com as mediadoras e o(a) companheiro(a) conseguiram falar do conflito de forma clara e compreensiva.

Logo, o que se conclui é que apesar do ambiente da mediação ser um local, a princípio, estranho, com pessoas desconhecidas, e dos conflitos conjugais serem dificultadores para uma boa relação, pois embotam as emoções e as deixam paralisados e fixados nos sentimentos de raiva, culpa e revolta, mesmo assim, foi possível a expressão dos afetos, uns com mais facilidade outros com menos. Talvez por possuírem recursos emocionais que não os estagnaram, esses conseguiram além de discutir questões pertinentes ao acordo, dar um novo sentido aos afetos expressados.

A possibilidade para expressar afetos foi uma subcategoria marcada pela comunicação, em que, metade dos entrevistados, demonstraram em suas narrativas a importância do diálogo para que o casal possa sair da crise e caminhar para um acordo promissor e transformador de relações humanas.

No que concerne ao segundo objetivo específico, identificar os tipos de afetos que os entrevistados expressaram no processo de mediação, algumas descobertas foram feitas. Uma delas é que a mediação é um lócus que viabiliza expressão de afetos, e que estes foram narrados nas falas dos entrevistados. Na grande maioria deles com outro sentido, no decorrer dos atendimentos. Isto permitiu que repensassem sobre seus sentimentos e experimentassem no corpo a emoção presente, através de choro, olhares de espantos, movimentos voluntários

de querer ir embora antes de fechar o horário de atendimento, estabelecendo um nexo entre pensar, sentir e agir.

Outra descoberta foi o contexto-situação, uma variável que permitiu a construção dos sentidos sobre os afetos que foram expressos no contexto da mediação. Um espaço novo, com pessoas estranhas, que aos poucos com o vínculo e a confiabilidade firmada entre as partes e as mediadoras, os sentimentos como estranhamento, indignação, mágoa e culpa, se transformaram em tranquilidade, conforto, carinho, possibilitando conversas, promovendo mudanças nas relações interpessoais e melhora na qualidade de vida das pessoas que procuram pelo serviço.

A mediação é um espaço que impulsionou os entrevistados para a vida, pois foi possível perceber, a partir de alguns atendimentos firmados por meio da comunicação funcional, demonstração de carinho, companheirismo e amizade. Sentimentos que no início não eram experimentados por conta dos afetos presentes na relação, como amor não correspondido, raiva, e até mesmo ressentimentos, dificultando um momento para reflexões, escolhas, ações e posições, que foram tomando forma aos poucos e viabilizando jeito de Ser transformados.

Mesmo com tantas possibilidades para alavancar posições e transformá-las, algumas entrevistadas, no início dos atendimentos, demonstraram dificuldades para se desvencilhar das amarras construídas ao longo de suas vidas. Alguns, por não identificar recursos emocionais que vislumbrem mudanças, outros, por fazer parte de um contexto com inúmeras vozes cristalizadas, cheias de conservas culturais, e então ficou difícil sair da posição cômoda, centrada apenas nas suas necessidades, para entrar em um universo possibilitador e transformador das relações humanas, denominado diálogo.

É possível listar os afetos e os sentimentos expressados pelos entrevistados na mediação: mágoa, pena, perda, raiva, revolta, arrependimento, choro, risos, culpa, estranhamento, indignação, calorão, falta de ar, entre outros, alguns destes ganharam vida na mediação, durante o processo de separação conjugal, tomaram formas e sentidos diferentes para cada entrevistado, e mais, passaram por metamorfoses, e se transformaram em carinho, respeito, amizade, companheirismo, permitindo reflexões promissoras a respeito do serviço de mediação. É um trabalho que aos olhos dos leigos parece ser apenas acordista, e para nós, mediadores, soma-se a muito mais, pois transformam as relações humanas, promove crescimento interpessoal e melhora a convivência familiar e social das pessoas que procuram por esse serviço.

Outro aspecto, ligado ao segundo objetivo específico que surgiu na fala dos entrevistados, foi o diálogo, considerado por eles como um fator facilitador para a expressão dos afetos, pois permitiu dissolver conflitos conjugais e familiares. Afinal o tempo todo na mediação, às partes é delegado que respeite a vez da fala, enquanto um se manifesta, o outro pensa, reflete sobre o conteúdo que está sendo ouvido, e só depois se posiciona para que juntos consigam encontrar uma saída para o problema instalado na relação.

E por último, almejou-se investigar se os afetos expressos durante a mediação contribuem para que as partes cheguem a um acordo. Constatou-se, por intermédio desse objetivo, que a atuação do mediador foi um elemento que contribuiu para tomada de decisão. As pessoas chegam aos atendimentos com muito delas sofrimento, e agir diante da sua dor tornou-se difícil, conseguiram apenas pensar e sentir, mais aos poucos o que se percebeu nas falas dos entrevistados foi a construção de um novo sentido diante de suas dores e sofrimentos, que os possibilitou a ação, expressar e dar sentidos aos afetos. Presume-se que esse avanço se deu devido à atuação do mediador, profissional imparcial, empático, que procura acolher no momento certo, auxilia na melhora da comunicação, para que as partes consigam, algumas delas, sair de um estado de apatia e permitir a si um momento para a vida, tanto pessoal, como interpessoal em busca de emoções que revigoraram os ânimos e a força para viver.

Em relação aos sentimentos que estiveram presentes durante os atendimentos e contribuíram para tomada de decisão, destacam-se a calma e a falta de amor. Ambos ganharam sentido na mediação, quando manter a calma é explicada como uma estratégia para conseguir atingir um acordo, mesmo tendo momentos no processo da separação conjugal em que a raiva se fez presente, mas conclui-se que, para os entrevistados, o melhor a fazer no momento de crise foi manter a calma. A falta de amor também foi outro sentimento em destaque, pois na narrativa dos entrevistados foi possível perceber que a presença do amor impossibilitou no início a tomada de decisão, mas, quando esse sentimento se transformou em amizade, possibilitou acordos transformadores.

Quanto às facilidades e às dificuldades encontradas ao longo dessa pesquisa, nota-se que uma das facilidades encontradas foi o interesse pelo fenômeno pesquisado - afetos nas inter-relações, e o campo de estágio que proporcionou a concretude desse interesse, pois na mediação trabalha-se com questões ligadas à família, aos conflitos conjugais, todos regados por emoções e sentimentos. Como dificuldade destaca-se o método utilizado, compreensão dos sentidos sobre os afetos a partir das práticas discursivas. Para a pesquisadora foi desafiador, mais também prazeroso, porque fez com que eu saísse da posição tradicional de

análise de conteúdo e entrase em uma proposta nova, necessitando de muitas leituras e discussões com a orientadora, até chegarmos, ou pelo menos nos aproximarmos no que propõem Spink, a trabalhar com produção de sentidos no cotidiano.

Sendo esse um desafio para outros possíveis pesquisadores, dar continuidade a essa pesquisa, trabalhando com produção de sentidos na mediação familiar, no processo de separação conjugal, mas ao invés de entrevistar as partes separadas, propor uma entrevista com o casal e com esse material realizar estudo de caso, vislumbrando outros saberes e contribuições científicas.

Por fim, considerando todos os resultados obtidos, e observadas às devidas limitações que fazem parte de qualquer pesquisa, acredita-se que os objetivos foram alcançados e a resposta do problema de pesquisa foi respondida. Frisando novamente, os sentidos aqui apresentados foram particulares de cada entrevistado, e compreendidos por esta pesquisadora, e se talvez fossem analisados por outro pesquisador, apareceriam com outra compreensão. Espera-se ainda, que este estudo venha auxiliar o profissional da psicologia na mediação familiar, que este possa atuar não apenas como um acordista, mas que perceba as nuances implicadas em um relacionamento, construídas ao longo da vida conjugal e, que o mediador tem o papel de provocar percepções e reflexões acerca dos sentimentos e afetos que perpassam o desenlace matrimonial.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 22, n. 2, 70-77, jan./ 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932002000200009&lng=pt&nrm=>>. Acesso em: 13 abr. 2009.

ÁVILA, Eliedite Mattos. Serviço de Mediação Familiar: Formação de base. Florianópolis, 2004. **Apostila do curso de Mediação Familiar do Tribunal de Justiça de Santa Catarina**. Disponível em: <<http://www.tj.sc.gov.br/institucional/mediacaofamiliar/apostila.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2007.

BRITO, Leila Maria Torraca de. Reflexões em torno da Psicologia Jurídica. In: CRUZ, Roberto Moraes; MACIEL, Saily Karolin; RAMIREZ, Dario Cunha. (Org.). **O trabalho do Psicólogo no campo jurídico**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

CACHAPUZ, Rosane da Rosa. **Mediação nos Conflitos e Direito de Família**. Curitiba: Juruá, 2005.

CEZAR-FERREIRA, Verônica A. da Motta. **Família, Separação Mediação: uma visão psicojurídica**. São Paulo: Método, 2004.

DAMÁSIO, Antônio. **Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos**. São Paulo: Campanhia das letras, 2004.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, 1998. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79721998000200014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 abr. 2009.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. **Estudo de Psicologia, Natal**, v.8, n.3, p. 367-374, set/dez. 2003. Disponível em<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2003000300003> Acesso em: 16 abr. 2009.

FRIEDMAN, Silvia. Uma aproximação metodológica ao estudo das emoções. In: LANE, Sílvia T. Maurer; SAWAIA, Bader Burihan. (Org.). **Novas Veredas da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.135-146.

GALANO, Mônica Haydée. As emoções no interjogo grupal. In: LANE, Sílvia T. Maurer; SAWAIA, Bader Burihan. (Org.). **Novas Veredas da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p.147-156.

GANDRA Jr, Domingos da Silva. **Casamento e sociedade em transformação**. Belo Horizonte: Síntese-Medicina e Comportamento, 1983.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HAYNES, John M.; MARODIN, Marilene. **Fundamentos da mediação familiar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

JABLONSKI, Bernardo. **Afinal, o que quer um casal? Algumas considerações sobre o casamento e a separação na classe média carioca**. 2003. Disponível em: <http://www.bvs-psi.org.br/>.> Acesso em: 09 mai. 2009.

JOFFE, Hélène. Degradação, desejo e “o outro”. In: ARRUDA, Angela. (Org.). **Representando a Alteridade**. Petrópolis: Rio de Janeiro, 1998. p. 109-128.

KINGMA, Daphne Rose. **Separação: como sobreviver ao fim de um relacionamento (e ser feliz de novo)**. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 1993.

LANE, Sílvia T. Maurer. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In: LANE, Sílvia T. Maurer; SAWAIA, Bader Burihan. (Org.). **Novas Veredas da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 55-63.

MARCONDES, Mariana Valença; TRIERWEILER, Michele; CRUZ, Roberto Moraes. Sentimentos predominantes após o término de um relacionamento amoroso. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 26, n 1, p.94-105, mar. 2006. Disponível em<http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932006000100009&lng=pt&nrm=isso> Acesso em: 02 abr. 2009.

MÜLLER, Fernanda Graudenz; BEIRAS, Adriano; CRUZ, Roberto Moraes. O trabalho do psicólogo na mediação de conflitos familiares: reflexões com base na experiência do serviço de mediação familiar em Santa Catarina. **Aletheia**, Canoas, n.26, 196-209, jul/dez. 2007. Disponível em <<http://pepsic.bvs-psi.org.br/pdf/aletheia/n26/n26a16.pdf>> Acesso em: 02 abr. 2009.

MÜLLER, Fernanda. Insuficiência da Justiça Estatal, Mediação e Conflito. In: CRUZ, Roberto Moraes; MACIEL, Saily Karolin; RAMIREZ, Dario Cunha. (Org.). **O trabalho do Psicólogo no campo jurídico**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

MUSZKAT, Malvina Ester. **Guia prático de mediação de conflitos em famílias e organizações**. 2 ed. rev. São Paulo: Susmmus, 2008.

PINHEIRO, Odette de Godoy. Entrevista: uma prática discursiva. In: SPINK, Mary Jane. (Org.). **Práticas discursivas de produções de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004. cap. VII, p. 183-214.

RICHARDSON, Roberto. Jarry. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSA, Alexandre Matos. **Aspectos Psicológicos Envolvidos em Processos de Separação Conjugal**. Disponível em: < http://www.sepex.ufsc.br/anais_4/trabalhos/195.html> Acesso em: 14 abr. 2009.

SAWAIA, Bader Burihan. Dimensão ético-afetiva do adoecer da classe trabalhadora. In: LANE, Sílvia T. Maurer; SAWAIA, Bader Burihan. (Org.). **Novas Veredas da Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 157-163.

SCHABBEL, Corinna. Relações familiares na separação conjugal: contribuições da mediação. **Psicologia: Teoria e Prática**, São Paulo, v.7, n. 1, p. 13-20, jan. 2005. Disponível em <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872005000100002&lng=pt&nrm=iso> Acesso em: 03 abr. 2009.

SHAILOR, Jonathan G. Desenvolvendo uma abordagem transformacional à prática da mediação: considerações teóricas e práticas. In: SCHNITMAN, Dora Fried; LITTLEJOHN, Stephen. (Org.). **Novos paradigmas em mediação**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999, cap.4, p. 71-84.

SPINK, Mary Jane. (Org.). **Práticas discursivas de produções de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

SPINK, Mary Jane P.; FREZZA, Rose Mary. Práticas Discursivas e Produção de Sentidos: a perspectiva da Psicologia Social. In: SPINK, Mary Jane. (Org.). **Práticas discursivas de produções de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004. cap. 1, p. 17-39.

SPINK, Mary Jane P.; LIMA, Helena. Rigor e visibilidade: a explicitação dos passos da interpretação. In: SPINK, Mary Jane. (Org.). **Práticas discursivas de produções de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004. cap. 4, p. 93-122.

SPINK, Mary Jane P.; MEDRADO, Benedito. Produções de sentidos no cotidiano: uma abordagem teórico-metodológica para análise das práticas discursivas. In: SPINK, Mary Jane. (Org.). **Práticas discursivas de produções de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004. cap. 2, p. 41-61.

SPINK, Mary Jane P.; MENEGON, Vera Mincoff. A pesquisa como prática discursiva: superando os horrores metodológicos. In: SPINK, Mary Jane. (Org.). **Práticas discursivas de produções de sentidos no cotidiano: aproximações teóricas e metodológicas**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004. cap. 3, p. 63-92.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista

PREÂMBULO: Antes de apresentar o instrumento de coleta de dados falando como ocorrerão as perguntas, mostrando os assuntos que serão abordados durante a entrevista, a pesquisadora irá possibilitar um ambiente acolhedor, de modo que a pessoa sinta-se à vontade para falar dos seus sentimentos, dizendo ao entrevistado que, caso não queira responder alguma pergunta ou, se em algum momento sentir-se incomodado e quiser retirar-se, terá esse direito. Em seguida a pesquisadora falará sobre o tempo, reforçando a utilização do gravador. Será dito também, que as perguntas a serem feitas são apenas para dar um rumo à conversa e se julgar necessário, assim fará. Além do que, as perguntas não vão acontecer na ordem que está disposto abaixo, poderá ocorrer de uma pergunta, servir para responder outras, até porque a forma que as perguntas estão arrumadas foi mais para atender os objetivos específicos da pesquisa.

Quais os sentimentos que você experimenta durante os encontros?

Como você identifica que eram estes os sentimentos que você estava experimentando?

Desses sentimentos que você descreveu, quais deles surgiram durante os encontros?

Como é para você demonstrar o que sente diante do parceiro e do mediador?

Durante os encontros, surgiu alguma emoção que você quis demonstrar, como por exemplo, choro, riso, espanto, e não conseguiu? Se respondeu sim, pois não conseguiu demonstrar a emoção, o que aconteceu?

Se respondeu não, logo não percebeu nenhuma emoção, como seria se acontecesse com você?

Você percebeu mudança no seu relacionamento com o parceiro depois que iniciou os encontros na mediação familiar?

Como é para você falar da sua história conjugal na mediação? Durante os encontros, você conseguiu falar para o parceiro o que sente a respeito do que ele diz?

ANEXO

ANEXO A - Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA COMISSÃO DE ÉTICA EM
PESQUISA CEP UNISUL

Você está sendo convidado a participar de um estudo intitulado: **Produção de afetos durante o processo de separação conjugal**: um estudo que tem como **objetivo** Compreender quais afetos são produzidos no processo de mediação, entre os casais que buscam, a separação conjugal.

A participação consiste responder a uma entrevista semi-estruturada, que será gravada para auxiliar nas posteriores análise dos dados. Durante a entrevista será solicitado a você que responda algumas perguntas, como: “quais os sentimentos que você experimenta durante o atendimento”; “Como é para você demonstrar o que sente, diante do parceiro, e do mediador”; “Você percebeu mudança no seu relacionamento com o parceiro depois que iniciou os atendimentos, na mediação familiar”? O tempo para entrevista será em média de meia hora para cada participante. Entre os benefícios em participar deste estudo encontra-se: Identificar os tipos de afetos que os entrevistados apresentam no processo de mediação; Investigar se os afetos produzidos durante a mediação contribuem para que as partes cheguem a um acordo; Identificar se o processo de mediação possibilita a expressão do afeto.

Você tem livre escolha de participar desta pesquisa e poderá sentir-se a vontade caso queira retirar-se do estudo.

A privacidade da identidade e dos dados coletados será mantida. Fazem parte desta pesquisa, casais que estão em processo de separação conjugal, atendidos pelo Serviço de Mediação familiar em um Fórum da Grande Florianópolis, a pesquisadora Eliete Sergina de Sousa Machado (84241543 / 30333623), estudante de graduação do curso de Psicologia e o professora responsável Deise Maria do Nascimento.

Agradecemos a sua participação e colaboração.

TERMO DE CONSENTIMENTO

Declaro que fui informado sobre os procedimentos da pesquisa e que recebi de forma clara e objetiva as explicações pertinentes ao projeto e que todos os dados coletados serão sigilosos.

Declaro que fui informado que posso me retirar do estudo a qualquer momento.

Nome por extenso _____.

RG: _____

Assinatura _____ São José, ____/____/____

ANEXO B - Termo de consentimento para gravação**UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
COMISSÃO DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UNISUL
TERMO DE CONSENTIMENTO PARA GRAVAÇÃO**

Eu _____ permito que o grupo de pesquisadores relacionados abaixo obtenha gravação de minha pessoa para fins de pesquisa científica, intitulada Produção de afetos no processo de separação conjugal.

Eu concordo que o material e informações obtidas relacionadas à minha pessoa possam ser publicados em aulas, congressos, eventos científicos, palestras ou periódicos científicos. Porém, a minha pessoa não deve ser identificada, tanto quanto possível, por nome ou qualquer outra forma.

As gravações ficarão sob a propriedade do grupo de pesquisadores pertinentes ao estudo e sob sua guarda.

Nome do sujeito da pesquisa e/ou
paciente: _____

RG: _____

Endereço: _____

Assinatura: _____

Equipe de pesquisadores:

- Deise Maria do Nascimento
deise.nascimento@unisul.br
32149045 / 99623371

- Eliete Sergina de Sousa Machado
eliete.machado@unisul.br
30333623 / 84241543

Data e Local onde será realizado o projeto: Agosto/2009 – Dezembro/2009
Fórum da Grande Florianópolis

Adaptado de: Hospital de Clínicas de Porto Alegre / UFRGS